

Norma Trespach

**Universo
em Harmonia**

2ª Edição



© by Norma Trespach

Direitos autorais reservados

Capa: Denilson Trespach - denit@litoralmania.com.br

Diagramação: Ulisses Lima / Willian Castro

Arquivo digitado e corrigido pela autora, com revisão final da mesma, autorizando a impressão da obra

Editor: Rossyr Berny

Para conhecer mais autores da Alcance acesse:

www.editoraalcance.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Trespach, Norma

Universo em Harmonia / Norma Trespach

– Porto Alegre: Alcance, 2019. 2ª Edição - 128 páginas.

1. Filosofia da Mente e do Espírito - 2. Auto-ajuda

I. Título.

CDU 13

Bibliotecária Responsável: Maria da Graça Artioli - CRB 10/793

ISBN 978-85-9537-039-5

ALCANCE[®]
34 anos de Alcance
Prêmio Jabuti

 (51) 98535 3970

 Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540

 (51) 98537 0000  (51) 99103.3566  (51) 98233 7038  (51) 99669 0908

 rossyr@editoraalcance.com.br  www.editoraalcance.com.br  /EditAlcance

*Aos meus companheiros e
companheiras de viagem que, de
alguma forma e em algum momento
de minha vida, me ajudaram a
compreender os emaranhados através
dos quais aprendemos e evoluímos.*

*A Deus, por me dar sabedoria
e coragem para transformar o meu
aprendizado no presente livro.*

ÍNDICE

Palavras da autora	9
Introdução	11
Para que seu dia comece bem	13
O vaso perfeito	17
Saber pedir	21
O caminho do aprendizado	25
O peso da responsabilidade	29
A busca pela segurança	33
Dividir o aprendizado com o próximo	39
A cumplicidade no amor dos animais	43
O milagre unindo ciência e oração	49
O despertar da promessa	55
O encontro de si mesma	61
Mãos que se unem	67
A resposta de Deus	85
Estabilidade não quer dizer felicidade	89
A força do pensamento positivo	95
Ser diferente	99
O reencontro do amor fraterno	105
Aprender a ser só	111
Pensamentos determinam nossos caminhos	117
Usando o que aprendemos	123

PALAVRAS DA AUTORA

Este livro foi feito com muito amor para você. Em cada página espero que encontre palavras de esperança, e que se encaixem em seu coração.

Caminhando na beira da praia, encontrei uma pequena concha. Apanhei-a e a devolvi para o mar. Este gesto me fez pensar como usamos nossas mãos. Eis algumas maneiras:

Mãos que se encontram para aplaudir, mas também para vaiar;

Que nos ajudam a nascer, mas também carregam nosso caixão quando desencarnamos;

Que nos salvam em uma cirurgia, mas também nos ferem através de uma punhalada;

Que nos jogam beijos de amor, mas também pedras de desprezo;

Que manipulam em laboratórios as mais finas essências para transformá-las em perfumes que marcam a nossa presença quando passamos, mas também separam as drogas em ambientes escuros e sujos para que depois nossos filhos, irmãos, parentes e amigos, fazendo uso, transformem-

se em fantoches e busquem a morte com mais rapidez;

Que acariciam um rosto amado, mas também esbofeteiam;

Que enxugam carinhosamente a lágrima de um amigo, mas também fazem gestos dizendo que nada têm a ver com a dor de seu semelhante;

Que acenam quando um amigo parte para uma viagem como se dissessem: “sempre estarei aqui”, mas também podem fazer um gesto significando: “vá embora e me esqueça”;

Que guiam um carro levando pessoas para passear, mas também podem guiar um tanque de guerra e destruir muitas vidas e muitos sonhos;

Que manipulam substâncias buscando a cura de uma doença grave, mas também puxam o gatilho de um revólver ou jogam uma granada;

Os surdos usam as mãos para se comunicar.

Mãos de amigos que se unem num encontro manifestando prazer do reencontro, mas também demonstrando a tristeza da despedida;

Estes são alguns dos usos de nossas mãos, mas existem milhares de outras utilidades e significados e tenho certeza que cada um de vocês lembrará de outros tantos.

Procurem usá-las sempre de maneira positiva porque, para tudo o que fazemos, recebemos o retorno na mesma moeda no mínimo em dobro.

INTRODUÇÃO

Num instante o céu se torna nublado prenunciando um temporal. Raios e trovões tomam conta e nosso dia, antes claro, veste-se de uma cor escura. Logo após, cai uma chuva que parece alagar toda a Terra ou pelo menos até onde nossa visão alcança.

Raios formam riscos entre as nuvens apressadas e carregadas de energia e água. É um fenômeno belo de se ver: a natureza em ação.

Muitos sentem medo porque não têm o controle do que está acontecendo.

Às vezes demora pouco tempo, outras vezes se prolonga mais, porém aos poucos o temporal vai se dissipando e apenas a chuva continua. Como tudo começou, tudo vai se transformando e o céu se torna claro novamente.

O sol volta a brilhar e apenas ficam o cheiro da terra molhada e as plantas, ainda mais belas, pela água recebida. Os rios e lagos foram abastecidos voltando ao nível normal. O ar, mais leve, devido à chuva que levou para a terra as partículas de poeira levantadas pelo vento.

Em nossa vida também acontecem temporais e nós nos desesperamos. Não temos paciência para esperá-los passar e

ver o que nos trouxeram de bom. Ficamos maldizendo nossa dor sem verificar por que tudo está acontecendo.

Precisamos de umas sacudidelas vez por outra para nos mexermos, do contrário, estagnamos. É necessário colocarmos nossa mente a pensar e praticarmos o que aprendemos com a vida. Estenda seu olhar para este universo e veja o quanto é perfeito. Então, como podemos estar infelizes, se tudo nos foi dado para nossa felicidade?

Desafortunadamente, ocupamos muito de nossa vida buscando e acumulando bens materiais. Desgastamo-nos, porque depois de consegui-los temos de cuidar para não perdê-los e acabamos por nos esquecer o quanto é temporária nossa passagem aqui na Terra. Não nos disseram quanto tempo teríamos para usufruir tudo isto, tampouco que nada poderíamos levar conosco quando partíssemos.

Esquecemos também que nascemos, crescemos e envelhecemos. Nem sempre teremos a vitalidade de um jovem, mas nunca nos será tirado o prazer de aproveitarmos tudo aquilo que o universo tem para nos oferecer. É lógico que em cada momento da vida os gostos e as necessidades são diferentes, mas sempre haverá o sentimento, a sabedoria adquiridos nas etapas ultrapassadas, que poderão ser utilizados na fase em que porventura nos encontrarmos.

Mesmo nas nossas maiores dificuldades o Criador desse nosso universo não nos abandona. Ele as coloca para que possamos evoluir. Temos uma arma poderosa a nossa disposição: a oração. Deus nos dá os problemas, mas nos oferece também ajuda. Muitas vezes nos carrega em Seus braços para ultrapassá-los.

A Humanidade precisa aprender a ter o coração mais humilde e a pedir ajuda quando não consegue resolver sozinha seus problemas, bem como aprender a utilizar a inteligência que Ele nos deu para tentar solucioná-los.

Tudo está a nossa disposição. Viva e seja feliz nesse nosso **universo em harmonia.**



PARA QUE SEU DIA
COMECE BEM

Antes de sair da cama, logo ao acordar pela manhã, sente-se, encha bem os pulmões de ar e solte-o, de uma só vez, relaxando o corpo. Após, feche os olhos e viaje mentalmente para um lugar que lhe dê paz, um lugar onde já esteve ou criou em sua mente. Pode ser na beira do mar, na mata, em cima de um morro, às margens de um riacho. Nas pirâmides do Egito ou num oásis no meio do deserto. Não importa, o lugar é seu, é especial, criação de sua mente. Este local representa Deus, o Criador de tudo. Após, fale com Ele, pode manter a posição anterior ou deitar-se, como melhor se sentir e, de coração aberto e mente limpa, diga: “Pai, permita que meu anjo da guarda esteja comigo durante o dia e que me mostre os melhores caminhos para que eu consiga as soluções; que coloque em meus lábios palavras de paz e no meu coração os melhores sentimentos. Permita, Pai, que ele me proteja contra os males do mundo e, acima de tudo, que me ajude a ser útil”.

Fique atento para as mensagens visuais ou informações que irá receber durante o dia, esta será a maneira Dele se comunicar com você. Siga sempre a voz do seu coração.

Antes de dormir, faça o mesmo procedimento da manhã, após diga: “Obrigado pelo dia, meu Pai, estou certa de que hoje fui melhor do que ontem e prometo tudo fazer para que amanhã seja melhor do que hoje”.

Sua noite será tranqüila, com sonhos esclarecedores e acordará com muita paz.

Acostume-se a fazer isto e sentirá uma grande diferença em sua vida. Você merece tudo de bom que o mundo pode oferecer.

Basta pedir que a vida se tornará mais leve e mais gratificante.

Obs.: Esta oração me foi dada pelo meu amigo Hugo A. Motta



O VASO PERFEITO

Somos feitos de matéria-prima, que são nossos corpo e espírito, força e energia. Dedicamo-nos a ter uma aparência perfeita, malhando, colocando silicone, *botox*, etc. Contudo, por mais que moldemos nossos corpos, o tempo é implacável e nada os impedirá de envelhecer, em maior ou menor velocidade, dependendo da vida que levamos.

Preocupamo-nos mais com a matéria do que com o espírito (ou com força e não energia). O espírito não envelhece, mas evolui. Ele precisou de um vaso (corpo) para reencarnar neste mundo denso a fim de dar seqüência a sua evolução, portanto, a preocupação é aprender com as diferenças físicas, ver “além de” um corpo visível. Recebemos o corpo que pedimos quando reencarnamos para nossa evolução.

Chamar atenção através de um corpo perfeito, apenas, é como olhar para algo estante e sem vida, inanimado. A não ser que dentro daquela imagem esteja um espírito de luz que não se deixa contaminar pelo próprio físico, tornando-se prisioneiro da sua beleza externa. Nós formamos um conjunto perfeito aqui na Terra, um não vive sem o outro: força e energia ou matéria-prima e espírito.

Vemos corpos perfeitos dos artistas e atores na televisão. Corpos esculpidos a custo de muita musculação, implante de silicone, lipoaspiração e outros tantos artifícios estéticos que existem. Dizem que o fazem pelos fãs, para ficarem bonitos para eles, mas, na verdade, querem parecer perfeitos e demonstrar que são pessoas especiais – diferentes dos outros seres mortais – e que não envelhecem. São escravos de sua aparência e induzem seus admiradores a seguirem o mesmo caminho. Ter cuidado com o corpo é obrigação de todos, dentro dos limites para que se mantenha saudável.

Assistimos, por outro lado, ao crescimento de várias seitas religiosas. Muitas se dizendo melhores do que as outras e mais algumas acusando seu irmão – membro de outra igreja – de herege, filho das trevas, pregando que o demônio o irá atormentar.

Mas, se todos somos filhos de Deus e Seus mandamentos dizem para amar o próximo como a si mesmo, como posso ser arrogante, prepotente e julgador do meu próprio irmão? Qual a razão em dizer que se não fizermos o que a igreja prega, iremos para o inferno e que Jesus não gostará?

Viemos para este mundo com a finalidade de sermos felizes e não para julgarmos nosso próximo. Não será uma vestimenta que uso, uma música que ouço, uma alimentação, tampouco uma diversão saudável, o que irá me afastar de Deus nem de minha caminhada para o aprendizado. Tudo que está neste mundo é obra Dele. Conviver com os diferentes, respeitando sua maneira de pensar, seus gostos, suas dúvidas ou certezas, é a grande sabedoria.

Estamos vivendo num grande Universo formado por pequenos mundos de crenças em um mesmo Deus, cada um dos quais, fechado em suas próprias discriminações de fé, em seus dogmas criados para serem únicos e especiais. Nada, ou muito pouco, é feito para que essas pequenas comunidades se abram.

Podemos abraçar o irmão que tem fé, ainda que não compartilhe de nossa crença, afinal, não é necessário pensarmos de igual maneira para que tenhamos um convívio harmonioso. Aliás, o que seria deste mundo se todos amassem a Deus do mesmo modo, pensassem do mesmo jeito, se vestissem com o mesmo tipo de roupa, comessem a mesma comida, gostassem das mesmas cores? Aprendemos com os diferentes. Esta é a grande beleza do universo e que o faz tão especial. Não existiria o dia se não houvesse a noite, mas os dois são importantes, cada um em sua fase.



SABER PEDIR

Muitas vezes nos encontramos num emaranhado e não sabemos como sair, ainda que os acontecimentos não estejam ocorrendo conosco, mas com pessoas que amamos ou estamos envolvidos emocionalmente. Quando isto acontece devemos pedir ajuda superior. Posso confirmar que a ajuda vem.

Uma das mensagens que recebi quando pedi foi a de que Deus fez este mundo perfeito para que sejamos felizes.

Sente-se, por exemplo, em frente a uma cascata e olhe a beleza que a natureza oferece.

A luz que usamos é fornecida pela água que transformamos em energia.

Os carros andam movidos à gasolina que é extraída do subsolo.

O vento pode gerar energia eólica.

A chuva abastece os rios e açudes para que não nos falte água, luz e as plantações consigam nos dar o alimento.

Nada é criado pelo homem a não ser que este utilize os recursos que a natureza oferece e a transforme de acordo com sua necessidade.

Nosso pensamento é tão rápido que em segundos podemos ir aonde quisermos. Ele é nosso abastecimento de felicidade.

Por que ir aonde existe negatividade se existem lugares melhores, plenos do que é bom de ver e sentir?

Peça, diariamente ao acordar, que Deus abasteça seu coração somente com o que for positivo. Que seus olhos vejam as belezas que Ele colocou para vivermos com alegria e paz.

Se alguém se aproximar de você para falar mal dos outros, ouça e procure ajudar falando palavras boas para que esta pessoa abrande o coração. Rogue para que sua mente se abasteça com as mensagens positivas que seus companheiros de luz, voluntários e prestativos, enviam e para que ela esteja aberta para recebê-las. Que seu coração fique limpo de mágoa e rancor e seus pés a levem aonde necessitar a fim de enriquecer construtivamente sua caminhada.

Medo? Todos nós o sentimos. Mas procure ocupar este espaço vazio com algo que deseja de bom.

Solidão? Nós nunca estamos sozinhos. Temos nossos irmãos voluntários e evoluídos ao nosso lado, amparando-nos. É só pedir que eles sempre auxiliarão.



O CAMINHO DO APRENDIZADO

Você já se viu andando na mata com todos os tipos de árvore e cipós se entrelaçando, formando quase uma rede, sendo que alguns deles têm espinhos? Se andar arrogantemente como se os espinhos não fossem atingi-lo ou os galhos das árvores devessem lhe dar passagem, pare e pense: você está invadindo um mundo que já existia antes de sua chegada. Tudo nele foi crescendo e criando forma, respeitando o espaço do outro. Você terá de escolher os espaços existentes e, afastando-os com cuidado, aos poucos e vagorosamente, vá mudando os pés de lugar. Se, por acaso, a sua roupa ficar presa em algo, pare, volte e, com cautela, desenganche-a. Pode acontecer de os galhos ou espinhos ferirem partes do seu corpo que estejam descobertas. Trate-as para que nenhuma ferida infeccione.

Mantendo-se atento, tomará cuidado quando for dar o próximo passo. Se não o fizer, ficará tão enredado entre galhos e espinhos, que sua roupa ficará presa e sua pele arranhada.

O mundo é, também, uma selva, embora as árvores sejam substituídas por pessoas e as folhas e espinhos por sentimentos e palavras que usamos.

Precisamos reconhecer quando as pessoas estão ferindo nossos sentimentos e a nos desvencilharmos cuidando para não cairmos na mesma situação, logo ali na

frente. Devemos confiar em nós mesmos, em nossa intuição, identificando que tipo de sentimento determinada pessoa desperta em nosso íntimo. Elas continuarão a fazer parte do mundo, mas você deverá desamarrar os fios que as unem e seguir em frente. A marca vai ficar e nada fará com que desapareça, mas trate-a como um troféu que você se deu por encontrar no problema a sabedoria para agregar ao seu aprendizado.

A estrada da vida deve ser percorrida e observada em todo seu esplendor e só poderemos fazê-lo andando passo a passo com todo o cuidado e atenção.



O PESO DA RESPONSABILIDADE

Muitas vezes, quando estou preocupada com todas as coisas deste mundo, nossas responsabilidades, enfim – e eu ainda com a mania de querer resolver os problemas alheios –, lembro-me do dia em que cheguei e vi o corpo do meu pai, em seu velório. Viveu toda sua vida resolvendo ou procurando resolver os problemas dos filhos.

Com o passar do tempo, foi envelhecendo, tornando-se meio curvado sob o peso da vida que levou. Parecia que tudo carregava em seus ombros.

Quando me aproximei do caixão, meu pai aparentava ser 30 anos mais jovem. Tinha uma fisionomia leve e calma, como se estivesse livre de todo o fardo que carregava pela responsabilidade que assumira de manter sua família unida e em paz. Agora estava livre de tudo isso e parecia sentir-se leve. Será que foi pela missão cumprida? Não sei, mas esta visão me marcou muito. Todo o sofrimento que a doença tinha causado em seu físico não deixou marcas após a liberação do espírito.

Vi aquela figura antes envelhecida que respirava com ajuda de aparelhos, usando sondas para se alimentar que lhe causavam grande desconforto. Agora nada mais era necessário, ele estava livre. Seu espírito cumprira seu tempo aqui na Terra e liberava o físico de sua missão.

Estava vestido com a roupa que usou na festa de seus 50 anos de casamento – atendendo pedido seu antes de falecer. Não queria roupa nova nem que colocassem sapatos em seus pés, visto que em vida jamais gostara de usá-los e não seria agora que o faria. Mãos cruzadas sobre o peito, bem barbeado e penteado; imagem que jamais esquecerei.

Isto me faz pensar: por que nos apegamos tanto aos nossos problemas e às coisas materiais?

Ao partirmos não levamos nada conosco, apenas o aprendizado que conseguimos adquirir. Devíamos aprender a ser mais livres e a gastar mais tempo em aproveitar este mundo que Deus fez para nós. Tudo nele é perfeito e tudo ele nos dá para vivermos com saúde e tranqüilidade.

Mas somos arrogantes e prepotentes querendo resolver tudo sozinhos. Não temos a humildade de pedir ajuda quando surgem as dificuldades mas, se pedíssemos, com certeza Ele nos ajudaria a encontrar uma saída e nos daria o conhecimento para resolvê-las.



A BUSCA PELA SEGURANÇA

Você já parou para pensar que nós não temos segurança neste mundo? Segurança a que me refiro é um lugar seguro onde nada pode nos acontecer, onde sabemos que tudo o que queremos está ao nosso alcance, visível, uma segurança plena.

Temos um lar que tratamos de cercar com grades, alarmes, cães, portões de ferro, tranca nas portas. Ficamos dentro dele, trancados, e ainda assim não nos sentimos seguros porque o perigo está nas ruas e, mesmo com todas as proteções que colocamos, nada impede que sejamos assaltados.

Por outro lado o nosso espírito não se prende dentro de quatro paredes. Nossos pensamentos vão a lugares inimagináveis em questão de segundos ocasionando, com isto, muito medo porque vamos por onde há guerras, desordens, tristezas, catástrofes e não encontramos, dentro de nós, a confiança para mudar o rumo de nossa imaginação. Não temos um ponto fixo que nos dê apoio e segurança – é quando sentimos medo ou fobia.

Criamos mecanismos para dar segurança ao nosso físico, mas não encontramos um meio de equilíbrio para o nosso espírito. Por exemplo: quando estamos apaixonados pensamos ter encontrado nosso companheiro de jornada neste mundo e colocamos todas as nossas esperanças e segurança nesta pessoa, mas ele também está à procura de uma companheira que lhe dê segurança. E cada um recebe toda a responsabilidade de fazer o outro feliz e tranqüilo. Por

uns tempos dá resultado, mas aos poucos o idealizado no parceiro vai ruindo porque ele também é humano e cheio de inseguranças. E voltamos a ficar perdidos e frustrados.

Muitos buscam na religião a segurança e a resposta para tudo, passando a seguir cegamente aquilo que o pregador ensina. Como estamos perdidos e desesperados, concordamos em nos agarrar e esta tábua que nos foi jogada neste rio de incertezas em que nos encontramos. Procuramos seguir cegamente, entregando nossa vida nas mãos deles.

Com o passar do tempo, começamos a notar que nosso mundo ficou pequeno e nada mais fazemos por nossa vontade, tudo é determinado ou orientado por eles e vemos que nossa insegurança aumentou porque nem ao menos o que precisamos ou sentimos é avaliado por nós. Colocamos toda a nossa vida nas mãos dos outros, sem nunca questionarmos ou termos idéias próprias, tais como interpretar ou criticar o que ouvimos. A dor e o prazer são pessoais, portanto, ninguém pode senti-los pelo seu semelhante. Podemos até procurar compreender e ser solidário, contudo, jamais, sentir por outrem. Cada ser humano é único e se encontra numa fase de evolução própria.

Então o que acontece conosco? Voltamos a nos sentir sozinhos e desiludidos. Buscamos, muitas vezes, fazer o oposto do que estávamos fazendo, ou seja, nos jogamos nos prazeres mundanos, porque nos sentimos perdidos. Tudo o que nos foi oferecido como verdadeiro, certo e eterno, não teve sustentação, porque não partiu de nós a fé. Não nos ensinaram a questionar e sentir o amor divino em sua plenitude.

Vivemos num mundo com pessoas que não pensam como nós, mas com as quais diariamente fazemos trocas

gratificantes quando não estamos prensados por pensamentos de que o mundo é nosso inimigo e apenas os que fazem parte desta ou daquela religião, salvar-se-ão e os demais arderão para sempre no fogo do inferno.

E agora?

Acredito num pai maior, amoroso que, indiscriminadamente, criou um universo perfeito para seus filhos que vieram povoá-lo. Temos o livre arbítrio de aproveitá-lo como melhor nos aprouver, sem ferir o nosso próximo, seguindo os sentimentos e desejos de nosso coração, que são exclusivos. Ele nos suprirá com o que for necessário para que sejamos felizes. Não precisamos de intermediários para chegar até Deus porque ninguém é melhor nem mais especial do que o outro para falar com Ele. Nós devemos saber o que queremos e então ter uma conversa franca, de coração, para pedir o que precisamos. Nem sempre recebemos da maneira que pedimos nem no momento que queremos, mas Ele nos atende. Não quer dizer que não tenhamos que ter uma religião. Cada um é livre para decidir. Fazer parte de um grupo em que se sinta bem com companheiros de viagem se apoiando e na mesma fase de evolução. Isto fortalece e colabora para a jornada ser mais leve e ajuda no aprendizado a que nos propomos quando reencarnamos. Mas nunca se deve perder a individualidade.

Consulta o teu coração para sentires o que precisas. Depois vai a busca porque Deus te deu tudo o que necessitas para completares as tuas necessidades aqui na Terra. Deu-te os rios para te abasteceres de energia e te lavares das impurezas do físico. O sol para te aqueceres durante o dia. A noite para teu corpo descansar e para que teu espírito saia e busque as respostas do outro lado, junto a espíritos mais

desenvolvidos. A terra-mãe de onde tiras o sustento para o teu físico e que te alegra os olhos com as belas flores coloridas, árvores e gramados, formando o tapete sagrado que nossos pés pisam, onde os pássaros encontram seu alimento e o vento se encarrega de dançar um belo balé com as folhas das árvores, oferecendo-nos o prazer da brisa em nosso rosto e o de sentirmo-nos vivos. Tudo contribuindo para formar este belo conjunto que é a natureza. Ainda o mar, beleza rara, ao nosso dispor. Suas ondas que parecem vivas são incansáveis; lugar em que podemos nos recarregar de energia. Caminhar na beira do mar, sentir a areia nos pés e a água batendo em nosso corpo. O som de suas ondas, o brilho do sol em suas superfícies. O horizonte, onde o céu encontra o azul de suas águas, é um quadro perfeito. Prova de que Deus criou espaços para que pudéssemos abastecer-nos quando precisássemos e tudo colocou ao nosso dispor, gratuitamente.

Somos livres para ir e vir basta sabermos que a segurança está dentro de nós e tudo está a nossa disposição nesse mundo. Viva a vida, não brigue com ela.



DIVIDIR O APRENDIZADO
COM O PRÓXIMO

No dia do lançamento do meu primeiro livro “Uma norma de vida”, o Dr José Valdai de Souza, que o prefaciou, esteve presente. Em seu discurso falou sobre a ponte pênsil estampada na capa e perguntou quem dos presentes já não havia visto uma dessas, muito comum no interior. Ela é construída de madeira e, nos lados, apenas dois fios de arame que servem para os usuários se segurarem. O piso é feito de pedaços de tábuas, muitas vezes pessimamente conservadas.

Falou que muitas pessoas sobem as escadas e quando se defrontam com as suas particularidades têm medo e não atravessam, mas uma criança a ultrapassa correndo. Se houver vento, ela balança, oferecendo maior dificuldade. Ela não oferece segurança para que sigamos em frente, porém, afirmou, eu tive coragem, acreditei e a ultrapassei, sabendo dos perigos que ela representava.

Discorreu sobre a ponte para dar idéia do início da minha caminhada. Eu não tinha certeza se a vida longe da casa dos meus pais seria segura, mas só indo em frente eu descobriria. E hoje podemos afirmar que valeu a pena e deu certo porque eu estava ali, vitoriosa e viva, contando minha história num livro.

As dificuldades serviram para me levar em frente. A primeira ponte eu ultrapassei e muitas outras vieram. Eu,

baseada no passado, não parei e as usei para ir em busca do meu sonho e da minha realização pessoal.

Admirava a coragem de ter aberto meu coração e tirado de dentro dele todas as dificuldades. Abrira para o mundo aquilo que, normalmente, mantemos escondido dos outros para que não vejam: nossas falhas e fraquezas. Encerrou parabenizando minha coragem.

Minha intenção foi mostrar ao mundo, às pessoas que lerão meu livro, que vale a pena lutar pelo sonho. Se ficarmos estagnados nunca teremos emoções nem crescimento.

O medo é nosso companheiro permanente, mas não podemos deixar que ele nos paralise. Precisamos dar o primeiro passo quando temos um objetivo, depois mais outro e as coisas vão acontecendo, vamos nos envolvendo e esquecemos do medo, pois sentimos o sabor da vitória que nos alegra e nos fortalece.

Estar na vida sem ousar é estagnar e regredir, deixando as coisas boas passarem por nós. Como não fazer parte deste mundo que tem tantas coisas significativas para nos oferecer?

O retorno que tive após o lançamento do livro foi gratificante. Muitas pessoas se identificam com alguma parte do livro e se manifestam, ligam ou mandam e-mail, agradecendo por eu ter tido a coragem de me expor e, com isso, ajudá-las a entender seus problemas, dividindo com elas as dificuldades e as vitórias, e animam-se a ir em frente.

Acredito que devemos dividir com os outros nosso aprendizado, porque se o guardarmos só para nós, evitamos que outras pessoas o aproveitem e que haja troca de experiências entre a humanidade.



A CUMPLICIDADE NO
AMOR DOS ANIMAIS

Os leitores que possuem um animal de estimação com certeza vão se identificar com alguns dos pontos que serão relatados.

Nunca fui muito a favor de se ter animal de estimação dentro de casa sendo tratado como membro da família. Muitas vezes questionava por que as pessoas não dispensavam o amor e o conforto que davam a seus cães, que adotavam como filhos, para alguma criança de rua que vivia ao relento, sem ninguém por ela.

Logo após minha mudança de cidade e de emprego – tendo que mudar totalmente minha vida após 20 anos residindo na Capital do Estado e ir morar no interior, local para onde fui nomeada –, fui presenteada por uma colega de faculdade, com um cachorrinho recém-nascido, de cor marrom, que achei, no início, muito feinho. Sua carinha meio enrugada, o focinho e as orelhas mais escuros, tinha também duas características curiosas: uma mancha de cor clara no peito que parecia uma gravata e o rabinho um pouco peludo e enrolado para cima. Mas assim que o peguei no colo, fui tomada por um sentimento tão forte que parecia o retorno de algo já vivido anteriormente. A partir daquele dia, 05/11/89 – ele nasceu em 07/09/89 – comecei a incluí-lo em minha vida e a não fazer nada que o deixasse desprotegido, como faço até hoje.

Dei a ele o nome de Bimbo. Ele é o meu termômetro. Se estou triste, ele não sai de perto de mim, encosta-se em minhas pernas e depois fica sentado fitando-me com um olhar de cumplicidade como se estivesse me dizendo que não estou sozinha. Nossa afinidade é tanta que, se eu estou com dor de estômago por algo que comi, ele começa a caminhar sem parar e dali a pouco vomita. Acredito que os cachorros são mais sensíveis do que nós. Eles são nossos pára-raios, captam as energias pesadas e nos protegem, além de serem nossos guardiões contra pessoas estranhas. Acredito, também, que Bimbo tenha visão e audição muito mais sensíveis e apuradas do que a minha. Ele avisa quando tem algo estranho acontecendo antes mesmo que eu perceba, bem como às vezes, quando está deitado, levanta as orelhas latindo para o que não estou vendo ou ouvindo, ficando com o pêlo eriçado.

Na noite que antecedeu minha hospitalização, para fazer uma cirurgia a fim de extirpar um câncer (o modo como descobri que tinha câncer e sua posterior cura foram relatados no meu primeiro livro *Uma Norma de Vida*), conversei com ele, contei o que iria fazer e que talvez não voltasse, mas que alguém iria cuidar dele – caso isto viesse a ocorrer de fato – porém que tudo faria para voltar curada. Parecia que estava entendendo porque se aconchegou em meu colo e suspirou. Ao sair de casa na manhã seguinte, estava com Bimbo no colo e encontrei Mara, minha cunhada. Pedi a ela que, caso me acontecesse algo e eu não voltasse, não deixasse ninguém maltratá-lo e o desse para uma pessoa que gostasse muito de cachorros. Ela me garantiu que nada iria me acontecer, que eu voltaria para casa e que me daria uma afilhada como prova da minha vitória. Eu sabia que ela já vinha tentando engravidar há vários anos, sem êxito, por isso

achei estranha a afirmação e promessa, mas não comentei nada. Nos abraçamos, dei um beijo no Bimbo dizendo que voltaria logo e saí. Entrei no carro, olhei para o portão e o vi me olhando, como sempre fazia. Mara me acenou dizendo que fosse tranqüila e não me preocupasse, pois ela cuidaria dele até eu voltar. Ele foi um dos motivos que me fizeram lutar para viver. Não confiava em ninguém para cuidá-lo por muito tempo.

Minha cirurgia foi um sucesso e, quando retornei para casa, encontrei-o no portão me esperando, como sempre fazia. Senti que estava viva de novo e que adorava aquele pequeno animal que pressentiu o meu retorno, curada.

Um ano e dez meses depois ganhei a outra recompensa, uma linda menina como afilhada. Chama-se Caroline. É muito meiga e carinhosa. Cada vez que a vejo sei que estou viva e lembro da promessa feita por Mara e de como Deus é bom, pois me deu uma segunda chance, além de uma linda afilhada.

Hoje, Bimbo está com 17 anos e continuamos cada vez mais amigos e cúmplices nesta caminhada. Quando ele partir, porque nada é eterno e para ele também chegará a hora, espero que seja uma morte tranqüila. Ficaré o aprendizado de cumplicidade e amor incondicional, sem cobranças, e que muitas vezes me fez voltar à realidade quando estava triste, com seu olhar meigo e latido manhoso, chamando minha atenção como só ele sabe fazer.

Obrigada, meu Deus, por este animalzinho que o Senhor fez com que chegasse até mim.



O MILAGRE UNINDO
CIÊNCIA E ORAÇÃO

Meu nome é Rodrigo e o de minha esposa, Gisele. Nós havíamos perdido o primeiro filho, Guilherme, pouco depois do casamento. Gravidez tranqüila, acompanhada por médico e com vários exames clínicos realizados para a segurança do bebê. No parto não foi possível que ele nascesse de maneira normal. Foi necessário realizar uma cesariana. Entre um tempo e outro até que tudo estivesse pronto, Guilherme não resistiu ao cordão umbilical envolto no pescoço.

Não é preciso dizer quanta dor invade uma família recém-formada quando é impossibilitada de ver o fruto do seu amor vencer as dificuldades dos primeiros instantes de vida. Dor aumentada ao se saber que duas outras famílias próximas tiveram seus bebês na mesma época.

Superada a tristeza inicial, esperamos o tempo indicado pelos médicos como razoavelmente seguro para que pudéssemos ter outro bebê e logo ele foi concebido.

Redobrado o cuidado, novos exames foram realizados, consultas com mais freqüência e um novo médico foi escolhido. Não por desacreditarmos o primeiro, mas para que Gisele não vivenciasse no segundo parto as dificuldades do anterior.

Tudo foi pensado. O médico esteve de sobreaviso durante toda a gestação. Até que numa manhã de sol, no início de agosto, o bebê resolveu que chegara sua hora de vir para

esse mundo. Um mês antes do previsto. O nome dele? Até esse dia, Wilhelm. Até esse dia...

O médico foi avisado e fomos até o hospital. Uma análise foi feita e constatou-se que estava tudo bem com o bebê mas, por precaução, Dr. Ângelo Mazon Neto, resolveu realizar uma cesariana na primeira hora da tarde.

Estávamos novamente no mesmo local onde há dois anos havíamos passado nossa maior provação. Mas, o raio não cai duas vezes no mesmo lugar, não é? Esse ditado popular antigo não faz parte de nossa experiência com gravidez.

Após um tempo demorado, informaram-me que ele tinha vindo ao mundo. Mas sem chorar. A longa espera – pela experiência anterior – já me havia feito saber que algo de errado tinha novamente ocorrido.

Às 13h55min da tarde do dia 06 de agosto ele nasceu. Mas não estava bem. Seu *apgar* era 1. Só mais tarde, depois de passado o susto, fique sabendo que *apgar* é uma escala de 0 a 10, uma nota dada ao recém-nascido. E, zero, significa o óbito. Nosso bebê recebeu ao nascer nota 1. Ou seja, com mínimas possibilidades de sobrevivência.

Minha esposa não o veria nos próximos três dias. Quando o enxerguei pela primeira vez, sua tez era tão azul quanto a camisa do time do meu coração. Fui chamado em separado pelo pediatra que o acompanhara, Dr. João Wagner, e pelo clínico que realizara o parto, Dr. Ângelo Mazon Neto. Notícias nada agradáveis para um pai: havia a possibilidade de que o bebê tivesse nascido malformado. Era preciso removê-lo para um hospital melhor aparelhado. Tinha insuficiência respiratória e cardíaca e não sobreviveria por muito tempo. Também, talvez, viesse a apresentar alguma deficiência mental. Um tremendo choque!

A partir daí, começou uma correria desenfreada na tentativa de encontrar hospital e ambulância com UTI para removê-lo. Até fora do Estado procuramos um hospital que o recebesse pelo SUS. Nada. Uma medida precisava ser tomada e decidimos, mesmo sem condições financeiras, levá-lo para um hospital particular. *Mãe de Deus* era o nome do hospital. Não havia nome melhor. Talvez um dos melhores e mais caros hospitais do Estado.

Mas faltava a ambulância. Conseguimos uma, já perto da meia-noite do mesmo dia. Quando chegou, vimos que não era uma UTI móvel, não tinha condições de levá-lo em segurança a qualquer lugar, muito menos a Porto Alegre, distante mais de 100 km da nossa cidade. Mas o risco era necessário. Em reunião com meu pai e médicos não encontramos alternativa. Eu teria de arriscar a vida do meu filho se quisesse salvá-lo.

Partimos em direção a Porto Alegre assim que foi possível. Minha cunhada Cátia, irmã de minha esposa, foi com ele na ambulância. Eu fui de carro, logo atrás, com Pedro, também irmão de minha esposa.

Só naquele momento pensamos no nome dele. Os que ficaram em Osório, queriam saber um nome por quem orar. Minha tia Norma disse que ele precisava de um nome. Não temos certeza de quem realmente falou, acho que foi minha mãe: Junior, Rodrigo Jr. E assim ficou; agora ele tinha nome.

Quem conhece a autoestrada que liga Osório a Porto Alegre talvez conheça o lugar. Na altura da GM, na época em construção, a ambulância aumentou consideravelmente a velocidade. Meu cunhado achou melhor não acompanhar, mas sabíamos que algo grave havia ocorrido. Só mais tarde soube que ele tinha sofrido várias paradas respiratórias e poderia não agüentar por muito tempo.

Quando chegamos ao hospital ele já havia sido encaminhado à UTI neonatal. Meus cunhados e eu esperamos algum tempo até que nos chamassem.

Algumas horas depois eu fui chamado. A Dr^a. Simoni, a quem devo a vida do Jr., conversou conosco longa e pacientemente. Muitas coisas ouvíamos, apreensivos, mas jamais me esqueci do que disse: “Bom, fizemos tudo o que foi possível para salvá-lo. Você tem religião? Crê em algo? Sabe rezar? Então é só isso que nos resta.” E eu realmente acho que foi Deus, através daquela médica e daqueles enfermeiros, que o salvou. Nunca encontramos, nem os médicos, explicação para o que aconteceu com o Juninho.

Bom, se rezar era preciso, oração não faltou. Durante os próximos três dias fiquei todo o tempo com ele, pois minha esposa estava se recuperando da cesariana. Somente quatro dias após o nascimento do Junior é que ela conseguiu vê-lo, a contragosto do médico, afinal viajar de carro 100 km após uma cesariana recente não é muito recomendável.

Incrivelmente, e para nossa felicidade, os dias iam passando e Junior se recuperando bem. Cada hora uma batalha vencida, cada dia uma guerra ganha. Treze dias ele ficou hospitalizado e até hoje é inexplicável que tenha se recuperado tão bem e em tão pouco tempo. Nós achamos que tenha realmente sido por Deus e pelas preces que ele recebeu, juntamente com a ajuda da medicina.

Mas para quem ficou curioso em saber sobre seu estado de saúde eu posso dizer, com base nos exames realizados depois durante os seus primeiros anos de vida, que Juninho é hoje uma criança normal. Nenhuma seqüela, nenhuma anomalia, nem retardo. Está na primeira série e tem facilidade em aprender.

Nós acreditamos, realmente, que a sobrevivência de nosso filho é uma obra de Deus e um exemplo de como Ele age sobre nossas vidas.



O DESPERTAR DA PROMESSA

A história do Junior, narrada pelo meu sobrinho no capítulo anterior teve, para mim, um acontecimento especial.

Quando cheguei ao hospital ainda em Osório, Jr. se encontrava no berçário e chorava sem parar. Perguntei para a enfermeira se eu poderia entrar um pouco para vê-lo de perto. Ela me olhou e como pressentia que sua vida era uma loteria – deveria estar em uma incubadora com oxigênio e ali não havia este recurso –, permitiu a minha entrada.

Cheguei bem perto e constatei que o bebê se debatia e gritava sem parar. Abaixei-me e comecei a passar a mão em seu peito, e a falar com todo amor que já sentia por ele. Lembro bem das palavras que disse: “Junior, sei que estás com medo. Estavas num lugar quentinho e a tua saída não foi muito legal. Estás com medo desse mundo que desconheces, mas eu sou tua tia Norma e – segurando sua mãozinha – terás sempre a minha mão para te ajudar quando precisares. Tem muita gente aqui que está feliz com a tua chegada, terás muito amor deles e mais ainda dos teus pais e avós, e minha mão amiga para te amparar. Confia na minha palavra (nunca parei de passar a mão no peito dele e segurar sua mãozinha) eu não vou falhar contigo.”

Aos poucos ele parou de chorar e me olhou e eu repeti: “Te prometo que não estás sozinho, muitos estão te esperando.” A enfermeira que estava dentro do berçário veio

rapidamente para ver o que tinha acontecido porque desde que ele ali chegara não havia parado de chorar e agora estava em silêncio. Eu disse para ela que não se preocupasse que tudo estava bem. Meu tempo se esgotara e eu dei um beijo nele e disse: “Confia na tua tia Norma e não sintas medo”.

Só voltei a vê-lo depois de um mês porque felizmente conseguiram sua remoção para Porto Alegre.

O tempo foi passando e se notava que era muito inseguro. Já caminhando, nunca soltava a mão ou se segurava na saia ou calça de quem estava com ele. Um dia, olhei-o e me lembrei da minha promessa. Ajoelhei-me perto dele e repeti o gesto que fiz no hospital, passando a mão no seu peito e falando bem baixinho, disse: “Te lembras quando eras bem pequenininho e a tia Norma te disse para não teres medo que podias contar com ela sempre? Eu sou a tia Norma e podes confiar que não me esqueci.” Enquanto conversava ele me olhava como se estivesse revivendo aquele momento. Beije-o e saí.

A partir daquele dia Junior foi se soltando, aos poucos, e sentindo mais segurança para caminhar. Hoje somos amigos e seus pais confiam em mim deixando-me levá-lo para passear de carro até o centro, comprar algum brinquedo, tomar sorvete. Agradeço a eles por isto porque assim posso cumprir minha promessa. Aprendeu a nadar comigo na minha piscina. No início tinha muito medo e só ficava dentro d’água agarrado ao meu pescoço. Eu sempre lhe dizia que podia acreditar em mim que jamais o deixaria afundar e aos poucos foi se soltando. Já confiava em ficar agarrado aos *espaguetes* (de espuma – usados para flutuar), mas sempre pedindo para eu não soltá-lo e eu sempre reafirmando que só o faria quando ele quisesse.

Numa manhã estávamos brincando dentro da piscina ele, eu e Rafael, outro sobrinho meu e muito seu amigo, que já sabia nadar e mergulhar. Junior continuava se segurando em três espaguete quando, de repente, virou para trás onde eu o segurava e disse: “Pode soltar tia.” Fiquei muito feliz, fui para frente dele e falei que estaria cuidando e qualquer coisa o atenderia. Soltei-o e ele gritava, batia os pés e ria muito com essa vitória. Os primos passaram o resto da manhã brincando de apostar corrida, navios piratas e várias outras brincadeiras. Era como se já estivesse acostumado a fazer aquilo. Eu sempre me mantinha atenta aos seus movimentos com medo de que ele se entusiasmasse, soltasse os apoios e afundasse, mas felizmente tudo correu bem. Agora já sabe entrar e sair da piscina de uma maneira que ele mesmo inventou, mas sempre apoiado nos espaguete.

É muito agradável presenciar uma conquista de criança porque ela cresce em tamanho quando isso ocorre, tanto que naquele dia quando saiu da piscina, caminhava ereto, peito para frente, como um vencedor. E ele era um vencedor e soube reconhecer isso.

Acredito que reencarnamos e esta é a prova mais maravilhosa disso. Não sei o porquê de minha atitude no hospital, mas tinha certeza do que deveria fazer. Somos espíritos que decidiram reencarnar para resgatar algo e assim estamos fazendo. Como não tenho filhos é difícil saber lidar com crianças, mas não sinto dificuldades em me relacionar com ele.



O ENCONTRO DE SI MESMA

Naquela tarde fria de inverno, Joana estava sentada, solitária, no alto de um rochedo, de frente para o mar, com o sol às suas costas sentindo uma leve brisa a soprar.

Seu olhar estava perdido na imensidão do oceano e no vazio da praia.

Estacionara seu carro após rodar sozinha e chorar muito, por vários quilômetros, buscando encontrar respostas para sua vida. Já havia tentado encontrá-las freqüentando festas, viajando para países distantes, de diferentes culturas, no amor de seu parceiro, mas nada preenchia o vazio que sentia no coração. A sensação era de que aquilo que seus olhos viam ou as palavras que as pessoas falavam não conseguiam transpor a parede invisível que a rodeava, não a deixando sentir a beleza do universo nem a doçura das mensagens enviadas por seus amigos, ou mesmo de algum filme.

Lembrou da viagem de férias que fizera a Paris juntamente com suas amigas. Na ocasião achara ótima e se entusiasmara com a idéia de viajar para um país que sempre fora seu sonho conhecer.

Arrumara as malas até que com entusiasmo, pediu suas férias e partiu. Escolhera um bom hotel, bem localizado, e decidiu que aproveitaria todos os momentos. Fez uma lista

dos museus que visitaria, das peças a que assistiria, dos bons restaurantes que freqüentaria e dos belos passeios que faria.

Quando o avião pousou no aeroporto, ela pensou: “Com certeza aqui começa minha nova vida”.

Foi para o hotel, gostou das acomodações e nem desfez as malas. Logo saiu para dar um passeio indo até um café muito aconchegante que encontrou não muito longe do hotel. Escolheu uma mesa que lhe dava uma boa visão da rua e pediu algo para comer. Não tinha dificuldades de se comunicar, uma vez que falava fluentemente o francês.

Após comer, decidiu voltar para o hotel e se preparar, pois à noite iria com as amigas assistir a uma peça de teatro. O teatro era muito lindo, tudo muito perfeito. Gostou da peça, mas não sentiu nada diferente do que sentia quando assistira a outras peças no Brasil. Aquilo começou a preocupá-la porque o mesmo tinha acontecido antes, no café. Cumpriu todo o roteiro que planejava, porém cada vez mais foi sentindo um vazio. Era como se estivesse apenas cumprindo uma tarefa pré-estabelecida. Terminado o tempo que escolhera para a viagem, retornou. Tirara muitas fotos e quando as olhava sentia como se não estivesse presente nelas, apenas sua fisionomia, não seu coração. Comentou para suas amigas como estava se sentindo explicando que a viagem, apesar de perfeita, nada lhe tinha acrescentado pois continuava vazia.

Lembrou do namorado que encontrara e que, pensara, preencheria seu vazio mas, apesar de passearem bastante e ele ser bonito e gentil, não conseguiu levar o relacionamento adiante por muito tempo. A sensação de solidão, apesar de estar com ele, permanecia.

O mar sempre foi seu grande companheiro. Não sabia o que a fazia sentir-se assim, se era brisa salgada, a areia que seus pés tocavam, a maré que, incansavelmente se mantinha

viva, indo e vindo, jogando na praia sua espuma branca, ou o conjunto de tudo isso.

Após longo tempo a contemplar o infinito decidiu caminhar na beira da praia como sempre fazia quando precisava pensar ou sentir o prazer da areia e água do mar em seus pés. Talvez isto ajudasse a entender seu momento atual.

Caminhou absorta, saboreando a brisa no seu rosto, a água fria em seus pés que marcavam suas pegadas na areia por onde ia passando.

A praia estava quase deserta, apenas alguns pescadores com seus caniços se lançavam à sorte da pescaria.

Os pássaros aproveitavam o deserto da praia para se alimentar de pequenos peixes que as marés traziam para a beirada. Levantavam vôo quando Joana se aproximava, formando um lindo cartão postal em conjunto com o mar, suas ondas e os pescadores.

Levantou os olhos para observar tudo isto, quando sentiu como se uma voz lhe dissesse: “Deus fez um mundo belo com todas as coisas que precisamos para sermos felizes. Nada tem significado se não olharmos para dentro de nós e buscarmos nossa essência, nossa centelha divina, ou nosso Eu interior. E nos amarmos pelo que somos e vivermos sabendo que tudo está a nossa disposição para nosso prazer. Não devemos esquecer que somos únicos e individuais, mas nunca estamos sozinhos. Sempre temos um anjo da guarda a nos acompanhar, é só chamar por ele e ser humilde para ouvir a resposta ou sentir a sua presença.” Ela olhou ao redor e não viu ninguém, mas tudo parecia ter sido tão nítido e real que aquela voz não saía do seu pensamento. Perguntou-se: “Será que Deus olhou para mim e respondeu as minhas preces?”

Lágrimas começaram a descer pelo seu rosto. Não de tristeza, mas de emoção, fazendo-a sentir-se viva novamente,

sendo tomada por uma grande sensação de paz e amor por tudo que a cercava, pela vida que tinha e uma gratidão muito grande pelo ser que lhe enviara tamanha sensação de proteção e amor.

Abriu os braços, olhou para o céu e disse: “Obrigada, meu Deus, pela graça de sentir o Seu amor por mim, e de ser capaz de poder ver e experimentar tanta beleza neste momento e neste pequeno mundo”.

Molhou as mãos, lavou o rosto e caminhou um pouco para dentro do mar com a água tocando os seus joelhos e as ondas respingando gotas salgadas em seu corpo.

Voltou até onde havia deixado o carro. Entrou nele e, sentindo-se leve e segura, deu a partida. No rádio, a música que estava tocando, completava o momento. Começou a acompanhar o ritmo, batendo com os dedos na direção e tentando cantar junto. Sentia-se jovem novamente.

Ao chegar em casa percebeu pela primeira vez como era gostoso retornar e rever suas coisas.

Ao abrir o portão sentiu como se fosse abraçada pelo seu pequeno mundo formado por ela mesma. A casa parecia maior e mais acolhedora; o seu jardim exalava o perfume das rosas que estavam floridas e lindas e ela nem lembrava que existiam tantas roseiras e nem quando as tinha visto florirem pela última vez. Sentiu o aconchego gostoso e não parecia mais estar sozinha. Tudo fazia parte de sua vida e ela se percebia parte daquele pequeno e também do grande universo.

Recomeçaria a trabalhar e procuraria ser mais atenciosa com os outros. Sabia que não duraria para sempre a paz que estava vivenciando, porque as dificuldades da vida continuariam a acontecer, mas sabia também, que não estaria sozinha para ultrapassar as dificuldades. Teria humildade e pediria ajuda ao Mestre Maior e criador deste belo mundo. Confiava que Ele não a abandonaria, mandaria ajuda e sabedoria para seguir em frente.



MÃOS QUE SE UNEM

Esther é minha amiga. Para dizer a verdade, foi uma das pessoas que mais me ajudou a entender que devemos lutar pelos nossos direitos, não nos deixando usar em benefício de outros. Hoje ela não mais se encontra presente em matéria, porém em espírito. Sinto sua presença quando estou em dificuldades e ela sente que pode colaborar.

Em uma das visitas que a fiz, disse-me que tinha algo muito triste para contar, mas que confiava em mim e o faria até para que eu pudesse ajudar e lhe dar amparo.

Mauro é seu filho mais velho e quando estava com 18 anos ela começou a notar que seu comportamento mudara. Primeiro porque ele passou a isolar-se da família, dormir muito de dia e ficar as noites fora. Quando questionado por onde andara dizia que havia saído com amigos. Mas estes amigos ela não conhecia. O filho nunca os levava em casa. Ao mesmo tempo, os amigos antigos estavam sempre telefonando e perguntando por ele, que passou a ignorá-los. Começou a usar roupas pelo avesso e rasgadas. Fez tatuagem no corpo, deixou de tomar banho regularmente, fazer barba e mesmo de cortar o cabelo ou, quando o fazia, raspava a cabeça. Tinha atitudes drásticas com o corpo, usava anéis, *piercings*, coisas que antes detestava. No início ela achou que era rebeldia da idade.

Mauro estudava em colégio particular e freqüentava o clube do bairro. Esther procurou saber se os amigos dele

também se encontravam nessa fase de rebeldia. Qual não foi sua surpresa quando descobriu que o filho não mais freqüentava as aulas, não ia ao futebol e nem para a musculação, no clube. Os antigos amigos se mostraram preocupados com a nova turma com que o rapaz estava saindo e porque nada havia acontecido entre eles para que Mauro não aceitasse mais os convites para as festinhas, os jogos de futebol e as saídas que costumavam fazer nos finais de semana. Ela ficou pasma com tudo o que estava ouvindo, mas isto era apenas o começo. Quando chegou em casa resolveu entrar no quarto dele, lugar que nem sempre entrava porque trabalhava de dia e fazia faculdade à noite e quem cuidava da casa era a empregada. Ele ainda estava dormindo e ela notou que o quarto estava quase vazio. Faltavam a bicicleta que ela lhe dera no último Natal, o violão que ele gostava de tocar (e agora ela lembrava que nunca mais o havia escutado tocar) e o som que fora substituído por um outro de qualidade inferior. Ela não teve coragem de acordá-lo antes de assimilar tudo o que vira e ouvira naquele dia.

Fechou a porta, foi para seu quarto e começou a lembrar que não mais o tinha visto sair com o violão nas costas como fazia sempre que ia encontrar-se com a turma. Ultimamente vivia pedindo algum dinheiro, dizendo ser para trabalhos que precisava fazer para o colégio e estava mais magro. Era como se as fichas fossem caindo uma a uma e ela desmoronando, sem saber o que fazer, que atitude tomar perante a situação que se apresentava.

Será que seu filho estava usando drogas, coisa que ela sempre temeu que pudesse acontecer com algum deles e sempre foi motivo de conversa franca? Sentou no chão, chorou e pediu a Deus que não permitisse que esta fosse a razão de tantas mudanças na vida de Mauro.

Não sabia como lidar com o que tinha descoberto. Temia interrogá-lo, ele poderia negar e fugir de casa por ter sido descoberto e por saber, após tantas conversas que tiveram, da posição materna contra o uso de drogas. Teria que achar uma maneira de descobrir sem assustá-lo. Não sabia aonde ele ia quando saía com os novos amigos. Ela tinha que trabalhar, mas estava de férias da Faculdade e decidiu descobrir onde se reuniam.

Juntou suas forças, coragem, e procurou um motorista de táxi que inspirasse confiança para ajudá-la e, à noite, começou a percorrer os locais onde imaginava que os jovens se reuniam. Como os taxistas são conhecedores da vida noturna, colaboravam. Tinha sempre cuidado para que Mauro não a visse já que não saberia como agir se isto acontecesse. Muitas vezes era o próprio motorista que visitava os locais onde havia uma turminha de jovens e, através da descrição que Esther lhe fizera e das fotos que mostrara, com alguma desculpa procurava ver se o rapaz se encontrava entre eles. Fazia mais de quinze dias que tinham começado a busca e nada de concreto.

Num sábado à noite, chovia muito. Mauro havia saído de casa na quinta-feira e Esther não tinha tido mais notícias suas. Chamou o táxi que sempre utilizava para as buscas e rezou para que Deus a ajudasse a encontrá-lo. Deveria estar com frio, pois saíra com pouca roupa, além disso, a temperatura caíra e ainda havia a umidade da chuva. Ele poderia não estar bem. Rodaram bastante, mas não o encontraram. Já era madrugada e Esther estava com fome, cansada, triste e desiludida. Resolveu comer alguma coisa e pediu que o táxi parasse em um lancheria, que mais parecia uma casa em ruínas, mas tinha letreiro e as luzes estavam

acesas. Ela foi até o balcão, pediu um sanduíche ou um *cheeseburger*. Com os olhos cansados, molhada e arrasada, resolveu caminhar por aquele ambiente para se distrair até que o lanche ficasse pronto. Chegou numa porta que parecia dar para o banheiro, olhou para dentro e quase desmaiou: ali estavam seu filho e mais alguns jovens amontoados, dormindo no chão imundo e dava para notar que estavam com muito frio. Ficou petrificada, mas pensou que não poderia estragar tudo agora. Ainda comentou com o dono do local que aqueles jovens estavam com frio ao que ele respondeu: “Pelo jeito que eles estão, a senhora me entende né, eles não sentem nada, estão anestesiados. Eu deixo eles dormirem aqui de vez em quando porque são calmos, só querem um lugar para dormir e ainda comem lanche quando acordam, então tenho lucro. A senhora sabe né, a vida tá difícil.” Esther usava roupa bem surrada e aparentava ser alguém também meio perdida, dependendo do local aonde ia fazer as buscas – e este era um deles. Ela concordou, pagou o lanche e saiu com as pernas bambas.

Caminhou até o táxi que a esperava estacionado a uma quadra do local. Entrou, contou ao motorista o ocorrido e desabou a chorar. Rodaram pela cidade até ela se acalmar. Tinha vontade de ir lá, pegá-lo no colo e levá-lo para casa, mas sabia que no outro dia ele voltaria a fazer as mesmas coisas e talvez desaparecesse por terem sido descobertos seu segredo e seu esconderijo. Assim, ao menos, ela saberia de um dos lugares que ele freqüentava. Decidiu aguardar o seu retorno para casa pensando na melhor maneira de ajudar sem assustá-lo.

Apesar da descoberta conseguiu dormir porque sabia que seu filho estava vivo. Quando acordou pela manhã, tudo

veio a sua mente e as lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. Sentiu-se sozinha e desamparada sem ter a quem recorrer para ajudá-la. Não poderia contar com o pai dele porque desde que se divorciaram, ou mesmo antes, ele não se preocupava com os filhos e já tinha outra família que, dizia, tomava todo o seu tempo.

Esther começou a se perguntar onde tinha errado com a educação de Mauro, mas chegou à conclusão que agora não era momento de se cobrar e lamuriar. Tinha um filho que precisava dela e não podia ficar chorando, sentindo pena de si.

Sentou-se na cama e pediu a Deus que a ajudasse a ter sabedoria para não tomar uma atitude errada fazendo com que ele se distanciasse ainda mais ou desaparecesse com vergonha de sua descoberta. Ela sentia muito medo de que algo assim pudesse acontecer. Decidiu nada falar sobre o ocorrido na noite anterior nem mesmo sobre a descoberta do uso de drogas por ele.

Levantou-se, tomou um banho demorado, arrumou-se, olhou-se no espelho, respirou fundo e foi em direção ao quarto de Mauro. Bateu suavemente na porta. Como não respondera, abriu-a e verificou que ele dormia profundamente. Entrou e chegou perto dele, deu um beijo em seu rosto e chamou-o para que acordasse. Mauro demorou um pouco, abriu os olhos devagar, olhou para a mãe e perguntou o que ela queria. Enquanto decidia como fazer para resgatá-lo veio uma idéia que poderia dar certo. Como ele gostava de dirigir ela o usaria para levá-la aonde fosse necessário, dizendo que estava com um problema no braço que a impossibilitava de fazê-lo. Então falou que precisava dele para ir até o hospital visitar Paulo, seu tio. Ele sentou na cama assustado porque

não sabia da doença do tio pelo qual nutria grande admiração. Esther pediu que levantasse e tomasse um banho enquanto preparava um café para os dois, então explicaria o que estava ocorrendo com Paulo.

Foi para a cozinha, fez o café, sentou-se à mesa e ficou esperando por Mauro. Não demorou muito e ele surgiu de banho tomado, barba feita e com uma roupa decente. Enquanto tomavam café, Esther explicou que Paulo estava lutando para vencer um tumor que havia aparecido no estômago. Terminaram o café em silêncio. Desceram, entraram no carro e foram para o hospital. Não trocaram quase nenhuma palavra durante todo o trajeto a não ser algum comentário sobre o trânsito.

O encontro dos dois foi emocionante, Mauro abraçou o tio e chorou. Perguntou por que ele nunca havia falado a respeito do problema uma vez que sempre se ligavam. Paulo argumentou que só agora estava sabendo e isto bastava. Começaram a recordar as vezes em que saíram para lancha e o que aprontavam nos veraneios passados juntos, na praia. Aos poucos foram relaxando e dando risadas das coisas que lembravam até que Mauro ficou triste ao recordar-se do motivo de estar ali. Paulo deu uma tapinha de leve em sua testa para fazê-lo voltar à realidade. Disse que antes era ele quem o levava para passear e que agora precisava de vez em quando, ou quando quisesse, que Mauro fosse até lá para conversar, pois não sabia quanto tempo ficaria no hospital. Pediu também que levasse um lanchinho em troca daqueles que havia pagado no passado. Deram risadas e o rapaz concordou em voltar. Na despedida, Esther deu um beijo no rosto de Paulo e apenas agradeceu porque sentiu que ele sabia o que estava acontecendo com Mauro pelo seu físico, bem mais magro.

Voltaram para casa e nada mais foi comentado sobre o assunto. Mauro se fechou no seu mundo e voltou a sair naquela mesma noite. Pela manhã, Esther deixava sobre a mesa o lanche para que fosse levado ao hospital junto com um bilhete dizendo que estava seguindo as orientações médicas e que tudo poderia ser consumido por Paulo. Às vezes ele levava, outras, não aparecia em casa até que ela saísse para o trabalho.

Esther começou também a pedir para levá-la aos finais de semana até a casa da praia dizendo estar com saudade do mar. Nunca se negava porque adorava dirigir, principalmente em estrada. Iam pela manhã e aproveitava para caminhar. Às vezes ele a acompanhava outras vezes ia visitar antigos amigos e prometia retornar para o almoço. Almoçavam, davam um passeio pela praia e voltavam para Porto Alegre.

Em uma de suas visitas ao hospital Mauro observou que na cama ao lado se encontrava um rapaz, magérrimo. Quando seus olhos se cruzaram viu um olhar triste e vazio, lábios secos e que tinha uma sonda no nariz e soro no braço, os cabelos pretos e despenteados e a barba por fazer. Era uma figura de triste abandono.

Foi embora e nada perguntou, mas aquela figura ficou em seus pensamentos. Quando retornou na próxima visita não o viu e só então perguntou ao tio pelo rapaz ao lado.

Paulo então passou a contar a história. Chamava-se Victor, e desde os 14 anos começara a usar drogas. Agora já estava com 26 anos. Vera, sua mãe, só foi descobrir na primeira vez em que foi pego pela polícia por ter roubado o rádio toca-fitas de um carro a fim de comprar drogas. Estava na ocasião com 17 anos e já era usuário de várias drogas. Quando foi chamada na delegacia e o delegado contou o motivo da prisão sua mãe não quis acreditar no que estava acontecendo. Jamais desconfiara que Victor estivesse envolvido com drogas, embora notasse que seu comportamento andava diferente, mas como trabalhava durante o dia, e três noites por semana cuidava de uma senhora idosa para ajudar no sustento dos seus três filhos, não parou para pensar. Seu marido a havia

abandonado indo morar com uma menina de, então, 16 anos. Victor, o filho caçula, sofrera muito com a separação do pai que enquanto esteve em casa era muito brincalhão e companheiro dos filhos, mas depois se mudou para outra cidade e pouco os via ou falava com eles por telefone. Formara outra família e tinha uma filha desse relacionamento.

Victor se tornara um menino carente. Os irmãos procuravam suprir a ausência paterna, mas ele com o passar do tempo se tornara arredio. Todos acreditavam que fosse pela falta do pai, mas na realidade encontrara companheiros que diziam que o “barato” era puxar um fuminho. Um dia estava muito triste porque seu pai esquecera seu aniversário. Seus novos amigos lhe disseram que se desse uma tragada no cigarro que estavam fumando, iria se sentir melhor. No momento lembrou das recomendações de sua mãe e de seus irmãos para que nunca fizesse uso de qualquer droga, pelos danos que causavam e a desgraça que era ser viciado. Porém decidiu atender a sugestão dos amigos, mas não gostou muito da sensação que sentiu. Ficou aéreo por uns momentos, mas pensou que sair da realidade e da tristeza valia a pena. Pensou também que só faria naquele dia e nunca mais. Mas os dias foram passando e como ele era o menor da turma e, para ser aceito, continuou a dar uma tragada de vez em quando. Não tinha dinheiro para comprar, porém, diziam que não ligasse, pois amigo é para essas coisas, dividir o prazer.

Infelizmente passou a sentir falta da droga. Já era difícil esperar a hora ou o dia em que se encontrava com sua turma e muitas vezes eles já tinham fumado o baseado, como diziam, e não tinham mais. Pensou numa maneira de ter seu próprio cigarro e não depender dos amigos.

Sua mãe dava uma pequena mesada para o lanche na escola e ele descobriu ali a maneira de ser independente. Mas com o passar do tempo foi verificando que era muito pouco e que suas necessidades de usar a droga aumentavam. Começou a pegar o troco que a mãe deixava em qualquer lugar quando

chegava das compras, mas tinha sempre o cuidado de não pegar tudo. Às vezes tirava da bolsa da irmã, da carteira do irmão e da mãe, pequenas quantias de cada um. Mas isto estava se tornando perigoso porque eles começaram a discutir e a desconfiar de que alguém os estivesse roubando. Chegaram a culpar Jessi, uma senhora que vinha três vezes por semana arrumar a casa e fazer a comida que congelavam para os outros dias, tendo em vista a falta de tempo de Vera. Jessi estava com a família desde que Victor nascera e o rapaz argumentou que deveriam estar loucos por pensar que Jessi estaria mexendo no dinheiro e que eles é que eram desorganizados e provavelmente estavam gastando com porcarias e não se lembravam. Como a situação complicara, Victor teria de achar outra maneira de conseguir o dinheiro, mas sem a droga não poderia mais ficar. Deixara de estudar, mas sua mãe não sabia. Pediu para ela vender sua bicicleta alegando que só ocupava espaço em seu quarto já que ele não iria mais usá-la. Vera concordou, aconselhando-o a guardar o dinheiro na poupança para comprar outra coisa mais tarde ou mesmo para os estudos. Ele concordou e disse que o faria, mas não fez.

O dinheiro acabou e as pequenas coisas que havia dentro do quarto foram vendidas, foi quando começaram os pequenos furtos junto com a sua turminha. Enquanto usavam apenas o baseado eles não ficavam agressivos, mas com as outras drogas que estavam consumindo faziam loucuras e desafios. Foi quando foram pegos pela polícia.

Na delegacia, Vera tentou que o delegado o liberasse dizendo que se responsabilizava por ele, contudo, não era mais possível porque eles já formavam uma gangue praticando pequenos delitos e a polícia já estava a sua procura. Como era menor de idade e por ser a primeira vez em que ia preso, foi encaminhado a uma instituição para menores onde deveria permanecer por seis meses. Lá conheceu outras maneiras de conseguir dinheiro e droga – que continuava consumindo. Eles conseguem que ela chegue à instituição, é só ter dinheiro.

Cumprida sua pena, saiu e prometeu a sua mãe que não usaria mais. Aquilo tinha servido de lição e arrumaria um emprego para ajudá-la. Vera chorou e acreditou que a dura lição tinha valido a pena.

Ele teria de arranjar um emprego, fazer algo de fachada para colocar em prática seu plano, porque teria que ter muito cuidado agora que já completara 18 anos. Victor era alto, moreno, olhos esverdeados e se estivesse bem cuidado era um belo rapaz. Começou a fazer musculação, falou para a mãe que conseguira um trabalho com vendas de um novo produto lançado no mercado e que dava para tirar um bom dinheiro. Sua mãe ficou feliz por acreditar que ele estava no bom caminho. Parecia que estava vendendo bem porque passou a usar roupas boas e cuidar da aparência. Não o questionavam muito e seu celular vivia tocando a toda hora. Ele falava que era uma venda que ia fechar, saía e muitas vezes não retornava naquela noite. Mas na realidade o que estava fazendo era ser garoto de programa. Confabulando com os amigos que encontrara na instituição, decidiu que poderia usar seu corpo para ganhar muito dinheiro, viver bem e ter a droga quando e quanto quisesse. Viveu vários anos nesta vida. No início sua clientela era feminina, mas com o passar do tempo não fazia mais discriminação. Aceitava qualquer tipo de programa desde que pagassem bem.

Num final de semana, após várias orgias e consumo exagerado de drogas um cliente reclamou. Disse estar descontente com o seu desempenho sexual e o mandou embora recusando-se a pagar o preço combinado. Victor negou-se a sair e foi em sua direção que, esquivando-se, fez com que o rapaz caísse pela janela do apartamento que ficava no segundo andar. O tombo lhe causou costelas, um braço e o quadril quebrados, além de várias escoriações e uma pequena perfuração no pulmão. Durante os exames no hospital, constataram um tumor no esôfago, talvez pelo uso de tanta mistura de drogas, péssima alimentação e vida desregrada. Os médicos não sabiam dizer se era maligno ou não, dependeria do resultado dos exames que estavam fazendo.

Mauro ficou calado por um longo tempo, foi até a janela e ficou olhando para a rua. Paulo comentou que só a mãe de Victor vinha visitá-lo de vez em quando, porque trabalhava muito. Seus irmãos tinham casado e mudado de cidade e nem queriam saber dele pela vida que levava e pelo sofrimento que causara a sua mãe. Paulo falou ainda que o encontro dos dois se deu quando ambos faziam exames e tiveram que ficar o dia todo juntos e ele o achou muito triste, não falava com ninguém, apenas respondia às perguntas dos médicos e enfermeiras.

No final daquele dia, enquanto aguardavam os resultados dos exames, estavam apenas ele e Victor. Foi quando começou a conversar algumas coisas e perguntar outras para ele. Paulo disse: “Que bom se a gente ficasse no mesmo quarto, se quiser a gente fala e vê se consegue.” Victor concordou. Felizmente, a boa vontade do pessoal do hospital e a coincidência de terem o mesmo plano de saúde facilitaram que ficassem juntos no mesmo quarto.

Após uma semana dividindo o mesmo aposento – numa dessas noites de insônia – Victor lhe contou sua história. Mauro ficou em silêncio. Disse ao tio que já estava na hora de ir embora, deu um beijo e saiu. Foi andando pelas ruas, mas não via nada. Seus pensamentos estavam na história que acabara de ouvir e na sua vida atual. Sentia um forte desejo de drogas para não pensar na fisionomia de Victor que insistia em ocupar sua mente, mas lutou contra o desejo.

Foi até uma praça que tinha perto do hospital. Ao lado havia uma pequena capela. Não lembrava quanto tempo não entrava numa igreja ou rezava, mas neste momento queria um canto tranqüilo para meditar e tentar colocar seus pensamentos em ordem. A porta estava aberta. De dentro saía um cheiro gostoso de incenso, e velas tremulavam acesas perto das imagens dos santos. Sentou-se num lugar bem na frente. Quando levantou os olhos viu que uma imagem lhe sorria estendo-lhe as mãos. Ajoelhou-se, começou a chorar e disse: “Por favor, ajude-me, não sei seu

nome, mas me ajude.” Chorou por longo tempo e continuava pedindo ajuda, de coração. Aos poucos foi se acalmando, sentiu como se uma leve brisa o tocasse e experimentou a paz. Levantou a cabeça, agradeceu e foi embora. Nada comentou com sua mãe da história que seu tio lhe contara. No fundo do seu coração tinha o pressentimento de que Paulo sabia ser o sobrinho usuário de drogas, embora não falasse nada.

No outro dia não teve coragem de voltar ao hospital. Andou pelas ruas e encontrou-se com sua turma com a intenção de falar que iria parar, porém o desejo foi mais forte e ele os acompanhou no uso de drogas, mas voltou para casa depois.

Quando acordou, encontrou um bilhete de sua mãe pedindo que fosse ao hospital levar algumas frutas e um lanche para seu tio que ligara pedindo.

No início pensou em rasgar o bilhete e não ir, como já fizera outras vezes, mas após um banho demorado desistiu da idéia. Provavelmente não encontraria Victor que poderia estar na cirurgia ou haver trocado de quarto. Não tinha vontade de vê-lo. Daria uma passada rápida e logo sairia. Realmente quando entrou no quarto seu tio estava só e ficou feliz com sua chegada. Brincando perguntou se queria deixá-lo morrer de fome sem suas guloseimas preferidas. Conversaram um pouco e Paulo disse que, no dia anterior, sua secretária deixara alguns documentos para ele assinar que precisavam ser levados até seu escritório ainda naquele dia por isso contava com Mauro para lhe fazer este favor. O rapaz aceitou a incumbência dizendo que tudo bem, pois teria que ir até o centro mesmo e não custaria nada passar no escritório e deixá-los lá. Estavam conversando quando a porta se abriu e uma enfermeira entrou com Victor numa cadeira de rodas. Parecia diferente e Paulo até brincou com ele dizendo que estava entrando em quarto errado porque aquela cama já estava ocupada por seu amigo que logo chegaria. Victor deu um leve sorriso e disse que tinham recebido uma “geral” tendo inclusive cortado o cabelo.

Paulo então os apresentou dizendo que Mauro era seu

sobrinho especial. Apertaram as mãos dizendo muito prazer, apenas. Mauro tentou logo sair dali, mas quando ia saindo falou para Victor: “Pelo jeito estás melhorando e eu desejo que isso aconteça.” Victor deu um leve sorriso e agradeceu.

Mauro continuou com as visitas ao tio e passou a conversar com Victor. Às vezes perguntava se podia fazer algo por ele, trazer alguma coisa, mas ele sempre agradecia e dizia que não precisava de nada. Victor estava se fortalecendo para fazer a cirurgia e a cada dia melhorava e passava mais tempo conversando com Mauro.

Numa tarde estavam os três conversando quando Paulo falou: “Como a vida é sábia! Reuniu num mesmo local dentro deste imenso mundo – um quarto de hospital – três pessoas, em fases diferentes, que passaram pela mesma experiência para que tivessem a chance de se conhecerem, ouvir histórias parecidas com as suas, e ajudarem-se.”

Victor e Mauro se entreolharam sem entender o que Paulo estava falando. Foi quando Paulo decidiu conversar com eles pois intuía que um sabia do caso do outro, embora o assunto não fosse comentado.

Paulo disse: “Na minha juventude fui usuário de drogas por algum tempo, não cheguei a ser totalmente dependente, era usuário de final de semana, gostava de fumar um baseado. Até que, voltando do casamento de meu primo, onde tínhamos feito uso de drogas e bebidas, bati meu carro, meu primeiro carro. Por sorte não causei a morte de minha mãe que estava no banco do carona. Decidi naquele momento, que se Deus me ajudasse e minha mãe sobrevivesse, nunca mais usaria drogas. Felizmente o susto foi maior. Minha mãe ficou apenas internada para observação, nada de grave lhe aconteceu. Ela era para mim a única coisa que eu tinha, que me importava. Nossa família não era unida e nós dois dependíamos um do outro. Mauro, como ex-usuário sei que tu andas envolvido, não sei até que ponto, mas é visível para quem já andou com drogados e, sendo um deles, identificar que tu fazes parte deste grupo. Tu também sabes da história de Victor porque

ele me autorizou a contar. Portanto, somos três no mesmo barco. Felizmente, já se passaram mais de 20 anos que não uso drogas.”

Victor olhou para Paulo e disse: “Será que um dia eu também poderei contar os anos que não uso mais, mesmo longe deste hospital e junto de todas as tentações?”, Paulo pensou um pouco e respondeu: “Victor, tens de encontrar dentro de ti uma força maior, não de gigante, mas de amor. É como uma pequena luzinha, um pequeno calor. Às vezes ela quase se apaga, mas se acreditarmos que alguém nos ama – e este alguém somos nós mesmos – aos poucos a chama começa a equilibrar-se e de novo volta a aquecer nosso peito. É uma caminhada longa, passo a passo e com muita consciência do que queremos. O maior mal e nosso maior inimigo é pensarmos que todos são felizes e têm tudo o que desejam e que só nós somos abandonados pela sorte. Mas não é assim, cada um tem as suas dificuldades e as suas alegrias. Precisamos saber que as dificuldades aparecem para que nos tornemos fortes, saibamos aproveitar e sentir quando as coisas boas surgirem. Existe a dor sim, mas não adianta buscar fuga na droga porque o problema que a causou não vai deixar de existir só porque nos drogamos. Quando o efeito passar a dor continuará. Às vezes o sofrimento é por um motivo tão bobo que se tiveres coragem e fores a fundo buscar a razão de tanto desespero, verás que na realidade a maior parte era fantasia, endeusamento da dor”. Mauro perguntou por que o tio nunca tinha lhe falado sobre este assunto mesmo sabendo da sua situação. Paulo respondeu que parece haver um Ser Superior que decide a hora certa para se conversar e ali, naquele dia, tudo estava perfeito.

Depois deste dia, Victor fez a cirurgia e estava convalescendo quando Paulo teve alta e Mauro foi buscá-lo. Contou para eles que conhecera Mari, achava que estava apaixonado e que já fazia 25 dias que não usava drogas. Agora estava pensando em voltar a estudar no colégio dela. Paulo olhou sério para ele e disse: “Acho bom porque vou precisar de alguém para me ajudar na empresa com mais assiduidade, agora que vou

assumi-la novamente – o sobrinho continuara a fazer pequenos trabalhos na empresa enquanto Paulo estivera hospitalizado – Que tal? Aceita ser meu empregado em tempo integral? Mas não pense que vai ser moleza porque sou muito exigente com meus funcionários”.

Mauro o abraçou, disse que aceitava e que isto era o que mais desejava no momento para ajudá-lo a vencer quando sentia que estava prestes a fraquejar. Precisava provar para ele mesmo que era capaz de se manter trabalhando e estudando. Victor desejou boa sorte aos dois e pediu que não o esquecessem, o que ambos prometeram fazer.

Passados os meses, Mauro continuava trabalhando na empresa do tio e estudando à noite. Para completar descobriu que Mari estava grávida e quando contou para Victor, eles continuavam se falando por telefone, ouviu que essa era uma ótima surpresa, e que, em breve, teria outra que com certeza também iria gostar.

Numa segunda-feira quando Mauro chegou a sua sala para trabalhar, ouviu uma voz que lhe parecia familiar vinda da sala do seu tio que ficava ao lado da sua. Pensou um pouco. Depois levantou-se, foi até lá, bateu e entrou. A princípio não reconheceu, mas quando Victor sorriu Mauro foi ao seu encontro e lhe deu um longo abraço emocionado. Victor estava irreconhecível, cabelo bem cortado, barba feita, bem vestido, mais gordo e muito elegante. Paulo então contou a boa nova. Victor havia saído do hospital e lhe telefonara querendo uma chance pra recomeçar sua vida. Paulo exigiu que fizesse um curso de informática e voltasse a estudar. Victor cumpriu o exigido e hoje estava começando como funcionário da empresa. Trabalharia em outro setor, mas sempre que quisessem poderiam se reunir para conversar e se apoiar.

Dependia, agora, de cada um seguir seus sonhos. Precisou que o destino os unisse dentro de um hospital e partilhassem suas experiências, cada qual em sua etapa, para sentirem que havia esperança e ainda dentro deles existia uma tênue centelha de luz com chance de permanecer acesa e dar força para irem em frente,

cada dia como uma nova chance de vencer este monstro que agora já era identificado como possível de conviver sem envolvimento. Com certeza seria difícil, mas se acreditassem e tivessem paciência, revendo o passado que os fez sofrer tanto, cada dia seria uma vitória e o desejo pela realização seria alcançado desde que ocupassem seu tempo e mente com coisas que lhe dessem satisfação e prazer.

Na última vez que falei com Esther ela disse que Mauro era pai de uma linda menina e pelo que se notava tinha abandonado as drogas, porque não andava mais com a antiga turma e passava o tempo entre o trabalho e a filha. Passavam muitos fins de semana juntos e ele aparentava serenidade. Ela chorou e disse que antes não acreditava em Deus, mas começou a rezar e pedir ajuda quando descobriu que estava perdendo seu filho para as drogas e Ele a atendeu. A luta foi longa, mas tinha valido a pena e me agradeceu por eu ter dito a ela que quando não se sabe o que fazer, deve-se pedir ajuda a Deus pois Ele mostra o caminho.

Durante sua luta para tirar Mauro das drogas, muitas noites Esther me ligou chorando porque parecia que tudo iria desmoronar. Eu a estimulava a acreditar em Deus, que vivesse um dia por vez e desse muito amor para Mauro – que nunca ficou sabendo que sua mãe descobrira sua experiência com drogas.

A última notícia que soube de Mauro, mesmo após a morte de Esther, era que ele continuava trabalhando e vivendo com a mãe de suas duas filhas.

Esther foi muito sábia. Fez tudo sem afrontar ou cobrar atitude do filho, mas pegou-o pela mão e mostrou outro caminho: o da solidariedade, onde alguém também estava precisando de ajuda e estímulo para viver. E deu certo!



A RESPOSTA DE DEUS

Quando lançamos uma semente ao solo, esta tem um período determinado para brotar e temos de ter paciência, esperar que se complete seu ciclo, pois cada tipo de semente tem seu próprio período de germinação. Só então começam a nascer suas pequenas raízes e aos poucos suas folhas começam a surgir acima do solo.

Se não esperarmos e começarmos a mexer com ela provavelmente não vingará. Tudo é programado pela própria natureza: suas raízes nascem quando a semente estiver com seus nutrientes prontos para seu desenvolvimento; suas folhas saem da terra quando suas raízes puderem fornecer o alimento capaz de fazê-las se desenvolver em contato com a natureza que a suprirá. Tudo é perfeito e tem o seu tempo. Às vezes, pode acontecer mais rápido dependendo da quantidade certa de água, calor e da terra fértil.

Quando rezamos pedindo a Deus que nos ajude a conseguir algo ou vencer uma dificuldade, queremos que a solução venha imediatamente. Ficamos sentidos pensando que Deus não está nos ouvindo quando não nos atende rapidamente.

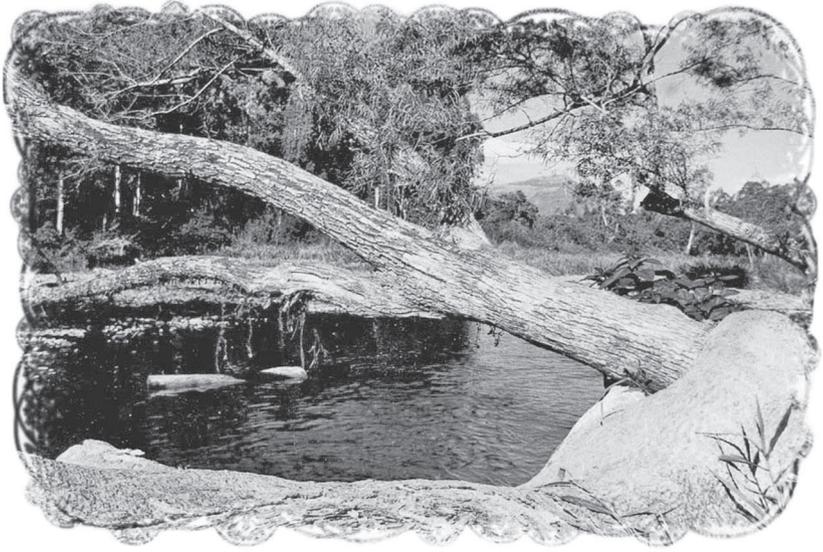
A oração é uma semente que lançamos no universo e se não fizermos a nossa parte, regando diariamente com pensamentos claros e positivos, adubando com confirmação de nossos desejos, não germinará. Necessita também de um

solo fértil que é nosso coração calmo, que nosso pedido seja de bondade para nós e não prejudique nossos semelhantes.

Precisamos ter humildade, olhos e sentimentos puros para notarmos quando o que pedimos está acontecendo. Nem sempre vem como pensamos. É como se pedíssemos um presente a alguém já imaginando como viria embrulhado, até a cor do papel e o formato. Mas nem sempre ele vem assim. Porém dentro do embrulho está o que pedimos, talvez com marca e cor diversas das esperadas, mas não deixando de ter o mesmo significado.

Assim também acontece com nossos pedidos a Deus. Ele nos envia o necessário, mas na forma que Ele acha ser útil para nós, naquele momento. Então, quando pedires algo, fiques atento aos acontecimentos seguintes porque as respostas vêm de forma sutil e aos poucos. Se perdermos as pequenas gotas de sabedoria que nos envia, nos sentiremos frustrados porque não chegou um caminhão fazendo uma entrega dizendo que foi Deus que enviou ou porque não vimos no céu um avião trazendo uma faixa com letras gigantescas respondendo a nossa pergunta e ainda dizendo: “Aqui é Deus, eis sua resposta”.

Lembre-se sempre que pedir algo é como plantar uma semente: faça a sua parte e fique atento às pequenas informações, sinais e pensamentos que surgirem, pois estas serão as respostas que Deus estará te enviando.



ESTABILIDADE NÃO QUER
DIZER FELICIDADE

Juliana está com 60 anos de idade. Trabalhou boa parte de sua vida em empresas privadas, sempre se preocupando em fazer cursos para melhor desempenhar suas funções, atenta às necessidades da empresa em que trabalhava porque sabia que, quanto melhor a companhia estivesse, mais garantia teria de manter seu emprego e era prazeroso ver as coisas prosperarem.

Sentia pela manhã quando levantava alegria de ir trabalhar porque a cada dia surgia algo diferente e ela gostava de desafios. Fazia com que sua mente se mantivesse atenta e alerta.

Dentro da própria empresa notava-se um pulsar de energia positiva e viva porque cada um sabia que sua permanência dependia da sua produção e da sua colaboração. Claro que também havia aqueles que procuravam destoar da grande maioria sendo mais preocupados em defender seus cargos ou empregos do que em produzir como os demais. Viviam criando fofocas entre colegas. Ninguém se mantém por muito tempo tentando esconder sua incapacidade através de discórdias, aos poucos as pessoas vão notando as “laranjas podres” e se afastam delas porque não têm nada de positivo para ensinar.

Na última empresa privada que trabalhou ocupou o cargo de Secretária Executiva. Por motivo de mudanças na política financeira do país, que afetou a maioria delas, esta empresa se viu obrigada a reduzir o número de funcionários

antes de encerrar suas atividades. Como o salário de Juliana era o mais alto e, apesar de toda sua indiscutível capacidade, a Diretoria teve que demiti-la.

No início ficou desorientada porque vivia em função deste emprego, gostava do pessoal e do trabalho que exercia. Como era impossível reverter a decisão da Diretoria, decidiu fazer concurso público porque na idade que tinha, à época, era difícil encontrar emprego na área privada – situação que enfrentam todos, principalmente as mulheres, quando se aproximam dos 40 anos.

Passou no concurso que prestou para o município – assumindo e ficando por pouco tempo – logo sendo chamada para assumir na área Federal, em cujo concurso fora aprovada após o realizado para o município. Como o salário era bem melhor, embora precisasse mudar de cidade, pediu exoneração e iniciou suas funções como servidora pública federal.

Procurou continuar com a mesma garra que tinha quando trabalhava na área privada. Não se preocupava com a estabilidade, pois dizia que estabilidade se faz através de um bom e sério trabalho.

Hoje está aposentada, mas continua dinâmica. Gosta de ler, viajar e como todo ser humano, tem seus dias de tristeza, o que é próprio da vida. Desfruta com intensidade a sua vida de aposentada e sempre diz que está aposentada da vida profissional que exercia, mas não da sua vida pessoal. É grata pelo salário que recebe e o distribui com sabedoria para suprir suas necessidades e seu lazer.

Luciana se preparou para fazer concurso público e dizia que queria estabilidade tendo um emprego que lhe desse segurança. Casou-se, teve três filhos e realizou seu sonho: passou em um concurso público.

Com o passar do tempo, tornou-se uma pessoa amargurada e triste, contrariando o que dizia querer para ser feliz. Tinha estabilidade no emprego, um salário razoável que lhe dava condições de ter uma vida tranqüila, um marido que a tratava bem e era trabalhador, filhos lindos e saudáveis.

Tornou-se uma pessoa sem vida. Reclamava do salário, mas não estudava para prestar provas a fim de melhorar de cargo, não tinha estímulo para sair do marasmo, pois tinha a tão desejada estabilidade. Não tinha desafios maiores a vencer e fazia quase sempre a mesma coisa. Irritava-se quando pediam para colaborar em outro setor alegando que não era paga para fazer além do que já fazia.

Agora, já aposentada, vive de médico em médico procurando encontrar as doenças que diz ter. Passou boa parte da vida reclamando do governo pela sua infelicidade por ganhar pouco. Nada fez para melhorar e agora culpa os médicos que não encontram sua doença. Tem problemas sérios de estômago. Apareceu um nódulo no seio, está perdendo a visão e inclusive fazendo uso excessivo de bebida alcoólica.

Na realidade Luciana começou a morrer quando deixou de sonhar: sonhou com um emprego estável, casamento, filhos e conseguiu. Sua vida se tornou sem sabor. Não descobriu que cada dia é uma nova aventura. Não gostava de ler, de sair com a turma quando se reuniam para comemorar o aniversário de alguém. Não olhou para o horizonte distante, mas apenas para a ponta de seu próprio dedão do pé. Não aproveitou as belezas e todas as coisas que Deus colocou ao seu dispor neste mundo, com medo de arriscar e perder o controle.

A vida não tem garantia de felicidade, mas nós encontramos gotas de prazer em cada desafio que vencemos e nossa mente vai ficando cada vez mais desperta e exigente, obrigando-nos a ir em busca sempre de algo diferente. Por mais que Luciana ganhasse não sentiria alegria porque dizia não fazerem mais do que a obrigação em pagá-la bem. Mas o que ela estava fazendo para seu crescimento interior? Jamais agradecia pelas coisas boas que recebia.

Juliana e Luciana tiveram momentos profissionais iguais em um período de suas vidas, mas a diferença é que uma não se acomodou quando se tornou estável profissionalmente. Usou isto para ir em busca de aprendizado dentro da própria repartição e querendo sempre aprender mais, embora suas funções não exigissem, pois sentia prazer em aprender. A outra só fazia o que sua função exigia tornando seu mundo muito pequeno.

Estabilidade profissional, sem medo de perder o emprego, não dá garantia de felicidade, nem mesmo de paz. A vida não nos dá garantia de que seremos felizes se não desafiarmos diariamente a comodidade da nossa existência.

Viver é desafiar as dificuldades que surgem em nossos caminhos e não ter certeza do amanhã faz com que a adrenalina corra em nossas veias. Isso é o que nos mantém vivos e confiantes a cada vitória. Confiantes por sabermos que foi Deus que fez este belo mundo para nos dar alegria e prazer quando aproveitamos suas belezas e sua imensidão iluminada.



A FORÇA DO
PENSAMENTO POSITIVO

Encontramos muitos livros de auto-ajuda orientando-nos a usarmos a força do pensamento positivo para conseguirmos atingir nossos objetivos, quer seja relativo à área pessoal ou profissional, ensinando métodos de como utilizá-la.

Vivemos num mundo de energia mas, para que canalizemos essa energia movedora e transformadora a fim de alcançarmos nosso objetivo, este desejo deve vir do coração, com sentimento limpo e claro.

Por exemplo, se quero uma promoção e coloco em meu pensamento esta idéia. Justifico para mim que tenho condições de desempenhar bem a função e ser útil à empresa e, indiretamente, aos colegas que terão garantia de serviço pelo bom andamento dos trabalhos. Além disso, ainda imagino que outra pessoa ocupe e seja feliz em meu lugar anterior. Desta forma, assim procedendo, harmonizo os sentimentos de desejo vindos do meu coração e mando para o cérebro – que criará um campo propício para que o universo conspire e tudo aconteça com ordem, sem ferir ninguém – essa idéia.

Se, ao contrário, baseamo-nos apenas na razão e no materialismo e utilizamos meios nem sempre lícitos até conseguirmos galgar determinado posto, a energia que nos rodeará, emanada das pessoas que pisamos, machucamos ou tramamos contra, não deixará que tenhamos tranqüilidade

para desempenhar corretamente nossas funções e, cada dia será uma guerra para mantermo-nos no cargo e obtermos a colaboração dos colegas. É uma situação muito difícil. Conseguimos o cargo, mas junto veio toda a mágoa das pessoas traídas e não nos dará prazer real estar naquele lugar. Seremos vistos como guerreiros que tudo conseguem não importando os métodos: é a força do pensamento positivo agindo, mas ignorando o sentimento que todo ser humano deve ter de respeito e sinceridade para com o seu próximo.

Tudo o que queremos está a nossa disposição no universo, mas aprenda a ouvir primeiro o coração antes de decidir o que pedir. Peça com o coração em harmonia com a razão que aquilo que receberes terá muito mais sabor e te dará muito mais prazer.



SER DIFERENTE

Freqüente um salão de beleza e tenho grande carinho e amizade por João, cabeleireiro e proprietário, que cuida do meu cabelo e com quem mantenho longas conversas. Em seu salão, fui apresentada e conheci Isaias, um lindo menino de 18 anos e um sorriso cativante que começara a trabalhar com ele ajudando na lavagem dos cabelos e outros serviços de auxiliar, sempre com muito cuidado e atenção. Isaias faz parte de uma população diferente: é deficiente auditivo.

Com a ajuda de João, que se comunica com o rapaz através da Língua Brasileira de Sinais – Libras (fez curso na Unisinos e continua se aperfeiçoando), tive pela primeira vez, a oportunidade de falar sem emitir som e sentir o que estávamos dizendo um para o outro. A sensação é inexplicável e gratificante.

Tentando entender melhor este mundo novo para mim procurei conversar mais com João a este respeito. “Norma, disse-me ele, o que é ser diferente? Esta pergunta eu me fiz quando tive contato com o magnífico mundo dos surdos, conhecido por alguns e desconhecido por muitos. Fiquei encantado por fazer parte desse universo do silêncio, rompendo esta barreira. Há três anos compartilho meu espaço com esse mundo do silêncio. Os surdos não são uma nação à parte, eles estão em todos os lugares e nesses lugares precisamos entender essa diferença que é o oposto do mundo

dos ouvintes. Eles precisam ser respeitados e entendidos como são. Não usam a voz para se comunicar, mas as mãos, e essa comunicação exige amor e paciência. É necessário que abramos mão de nossa cultura e adentremos em outra que requer um olhar de respeito e não de indiferença ou soberba, por, talvez, acharmo-nos superiores por sermos ouvintes e capazes de falar com sons. A obra-prima de Deus foi ter criado o homem e esse homem precisa ser entendido e amado, quer seja perfeito no físico ou portador de alguma deficiência, porque o espírito que o habita é sábio, tem os mesmos sentimentos e porque todos vieram a este mundo para aprender e trocar conhecimento. Se perguntarmos o que é ser diferente, podemos ter uma gama de respostas como, por exemplo, o gosto pelas cores, por comida, por pessoas, etc. E por que então nos achamos melhores do que alguns, sendo que o que é certo para uns pode ser errado para outros? Nós também possuímos essas diferenças. Podemos não ser surdos, mas muitas vezes não ouvimos o pedido de socorro do próximo e nem o nosso próprio. E quantos ouvem e são surdos? Ouçam através dos olhos e do coração. Quando comecei a compartilhar meu espaço com eles, tive que me adaptar a tudo e a todos. Cheguei a ficar dias sem falar, pois só havia surdos à minha volta e eu tinha que me comunicar apenas com as mãos sem usar a voz. E te digo que não me fez falta naquele momento, uma vez que a integração era total e maravilhosa. Tive de mudar meus hábitos e viver esse mundo para entender a cultura dos surdos, pois, para entrar nessa cultura é preciso respeito”.

E proseguiu: “Norma, para que tu entendas como é conviver com surdos, vou te exemplificar através de três itens, assim terás uma idéia”:

1º – Tive de treinar meus olhos e eles se tornaram ainda mais preciosos porque eu precisava estar atento aos gestos. Precisei de maior concentração, pois as mãos são sua voz.

2º – Tive de treinar minha mente, pois precisava de uma boa memória de curto prazo para traduzir o Português para a Língua de Sinais (libra);

3º – Aprendi a sempre falar com eles de frente, pois também usam o visual como nossa fisionomia que traduz sentimento.

Norma, ao falar que devemos respeitar as diferenças, falo com propriedade que os surdos são pessoas maravilhosas. Eles me ensinaram que não preciso ouvir para ser feliz e sim ter amor para encontrar nas pessoas a simplicidade e o comprometimento com meu próximo. Sua sensibilidade é muito apurada. Gostam de estar em lugares onde o piso é de madeira porque sentem a vibração do caminhar das outras pessoas, este é um exemplo do valor que dão às pequenas coisas. O amor não precisa ser gritado, mas sim sentido. Deus fala conosco pelo sentimento e não através do som”.

Continuo aprendendo com o João e sou grata por ele ter me incluído nos seus dois mundos que se tornaram um. Devido ao seu trabalho aos poucos os ouvintes estão se aproximando dos surdos e ambos estão aprendendo, trocando experiências e crescendo em respeito e humildade.



O REENCONTRO
DO AMOR FRATERNAL

Sida e Nair faziam parte de uma família de doze irmãos. Entre elas existia uma amizade muito grande. Eram companheiras de bailes, festas e brincadeiras no grupo jovem da igreja, amigas e confidentes.

Ambas se casaram, mas a cumplicidade continuou existindo, mesmo após a mudança de Nair e sua família para uma cidade maior e distante, aproximadamente, 140 km do local que antes morava. A decisão foi tomada em face de seus filhos estarem crescidos e necessitarem de maiores possibilidades para trabalhar. Até aquela data viviam do que colhiam na roça.

Nair sentia ter que se mudar e ficar longe de sua amiga, mas acreditava ser o melhor para seus filhos que teriam a chance de trabalhar em outro local que não fosse no campo.

A distância, porém, não foi empecilho para as duas se comunicarem. Melhorou mais quando Sida também se mudou para uma cidade com maiores possibilidades de emprego para seus filhos e esposo. Nesta cidade pôde, também, adquirir telefone – Nair já fizera tal aquisição – o que facilitaria mais seus contatos e diziam agora estarem mais próximas. Podiam se falar sempre que quisessem.

Os encontros entre as duas e seus maridos aconteciam duas ou três vezes por ano e sempre era Nair quem visitava Sida, já que seu marido gostava de dirigir e viajar e o esposo

de Sida não gostava de ficar longe de casa. Ele era muito bom anfitrião.

As amigas aproveitavam para colocar toda a conversa em dia e muitas vezes recordar o passado. Assunto nunca faltava para as duas, mesmo que a visita durasse uma semana.

Em uma conversa, enquanto tomavam o café da manhã e após fazerem a oração de costume antes de qualquer refeição, Nair falou que ouvia todos os dias, às 06h30min, mensagens de otimismo. Eram contadas através de uma pequena história narrada por um Pastor pertencente à religião de Sida, em uma emissora de rádio de sua cidade. Aquilo fazia seu dia ficar melhor. Sida disse que tentaria localizar esta emissora, mas infelizmente jamais conseguiu.

Nair faleceu há aproximadamente quatro anos, deixando em Sida um vazio muito grande e a saudade de suas longas conversas.

Os filhos de Sida resolveram presentear-na em seu aniversário com um aparelho de som para que pudesse selecionar as músicas que quisesse ouvir através da compra de CDs. Ela andava muito triste porque perdera seu esposo, companheiro e amigo de 54 anos de convivência, e se sentia muito só. Claro que este aparelho não iria suprir a falta de seu marido, mas ouvir boa música lhe daria prazer.

Adquiriram dois CDs dos Hinos do Povo de Deus e com eles o livro – 100 Histórias de Vida e Sabedoria, de autoria do Prof. Osvino Toiller, e lhe deram de presente.

Ao receber o livro e começar a lê-lo, Sida se emocionou. Ali estavam as histórias que sua irmã Nair tanto falara. Verificou o nome do autor e seu histórico e não teve dúvidas. Apertou o livro contra o peito e seus olhos se encheram de lágrimas. Era o reencontro com aquele amor fraterno tão especial que agora caíra em suas mãos.

Deus faz as coisas acontecerem de uma maneira que nós desconhecemos os caminhos. Sua irmã não está mais presente fisicamente, mas cada vez que Sida abre o livro e lê suas histórias, sente-se mais perto de Nair. É como se as duas estivessem se comunicando novamente, só que agora através da leitura. Cada história que lê, sabe que um dia sua querida irmã a ouviu e as duas se reencontram, espiritualmente, nas palavras deste livro.



APRENDER A SER SÓ

Dizem que fomos feitos para vivermos aos pares, como casais, nunca sozinhos. É a lei do universo.

Para a procriação, precisa-se de uma parte masculina e outra feminina a fim de formar outro ser vivo.

Anteriormente precisava-se de um casal, agora continuamos precisando de um par, mas não quer dizer que precisem ter contato pessoal. Quando uma mulher deseja engravidar, já pode decidir como será seu filho, a cor da pele, do cabelo, até a cor dos olhos, escolhendo o espermatozóide que irá fecundar o óvulo, não necessitando de contato pessoal com o doador. Existem bancos de espermatozóides à disposição. Não tenho conhecimento de como funcionam, mas quero exemplificar para justificar a nossa atual situação de solidão que está cada vez aumentando mais.

Mudaram as formas de procriação, mas não mudou a nossa necessidade de carinho, afeto e companhia de um parceiro.

Infelizmente ainda não criaram uma maneira de armazenar calor humano, amor, amizade, fraternidade para que possamos adquirir ou tomá-los em substituição ao toque, aconchego, som da voz, cheiro, companheirismo e a energia que o outro ser humano nos transmite, até mesmo pelo sorriso.

Somos seres humanos que ainda precisam compartilhar com outros nossas dúvidas, nossos medos e nossas vitórias ou derrotas. Precisamos de cúmplices nessa nossa jornada aqui na Terra.

Acredito que seja por isso que muitos casais que não se suportam mais, que vivem uma relação já desgastada, continuam juntos: porque existe alguém que, mesmo por obrigação, pelo compromisso assumido, terá de ouvi-lo e estará a seu lado, presente ao menos fisicamente.

Cada ser humano é único. Muitas vezes dizemos que encontramos nossa alma gêmea porque formamos um casal perfeito, mas se formos verificar, em realidade um se anula em benefício do outro, mesmo que seja em coisas bem simples. Pode acontecer também de ambos estarem no mesmo grau de evolução e equilíbrio e terem vindo juntos para ajudar um grupo a se harmonizar.

Vemos a este mundo de desafios para aprender. Muitas vezes precisamos estar sozinhos para adquirirmos aprendizado.

Ainda não conseguimos assimilar que estamos aqui de passagem, que estamos em uma escola e que logo retornaremos ao nosso lar através do desencarne. No colégio, o que para nós é mais difícil de aprender, não é o que mais nos irrita e nos toma mais tempo? Com nossa vida é a mesma coisa.

Se preciso parar de ser dependente dos outros, ter minhas próprias idéias, aprender a ter autoestima sem o abono de terceiros, parte da minha vida, provavelmente, terei que viver só, mas não necessariamente sozinha. Nossos companheiros de viagem sempre estarão ao nosso lado ou nos olhando e esperando a chance de nos ajudar, bem como os encarnados que cruzam nosso caminho.

Mas estamos tão preocupados com nosso próprio umbigo, sentindo pena de nós que não aprendemos a valorizar o sorriso de um estranho, um bom dia de um amigo e pensamos: bom dia por que se estou sozinho? Por acaso nascemos colados em alguém? Nascemos sozinhos, únicos, mas desde o início várias pessoas nos auxiliam: o médico ou a parteira que nos ajudaram a nascer; a enfermeira ou a parteira que nos deu o primeiro banho, a mãe que deu o aconchego e o seio para mamar.

Agora que estamos crescidos, com bons empregos, um lar para morar, família que nos respeita e nos apóia, com saúde, sentimo-nos sós.

Pense que em cada curso que vamos fazer, sentimos um pouco de insegurança porque é algo diferente, mas à medida que vamos entendendo, aprendendo o que as aulas se propõem a ensinar, vamos ficando mais seguros. Por que não aplicamos isto em nossa vida pessoal – que deveria interessar mais do que a profissional? Nossa vida profissional é apenas parte da nossa existência, o resto do tempo deveríamos aprender a crescer, conviver, viver e envelhecer.

O medo que sentimos quando estamos sós é do quê? Já parou para pensar sobre isto? Solidão? Falta alguém a teu lado? Milhares de pessoas estão ao teu lado, mas isto não te basta, queres alguém só para ti, porém quando tiveres, vais te sentir preso porque a solidão é tua. Tu não consegues resolver o quebra-cabeça que formastes com teu espírito, apesar das diversas vidas já vividas e continuas aumentando o número de peças sem encaixar nenhuma. Não formas uma figura do teu eu.

Passas a vida em busca de alguém para te completar, mas como encontrar, se tuas peças, teus pedaços, estão soltos, sem formato?

Podemos ter nosso companheiro de caminhada, mas somos únicos e cada sentimento é pessoal. Ser feliz depende do amor que temos primeiro por nós, porque não podemos amar se não nos amamos.

Amar alguém na esperança de nos completar, sem ter conosco nossa parte de amor próprio, é deixar nossa felicidade nas mãos de outros.

Ame-se primeiro, depois deixe que a vida se encarregue do resto.



PENSAMENTOS
DETERMINAM NOSSOS
CAMINHOS

Quanto espaço encontramos na mídia que trata de mostrar que o mundo também tem coisas boas?

As manchetes dos periódicos, em letras garrafais, tratam, em geral, de um escândalo, um crime hediondo ou da previsão de uma crise abalando a credibilidade do povo em seus governantes.

Os canais de televisão também se detêm no mesmo patamar de informações. Os crimes entre familiares, por exemplo, são explorados e os envolvidos ocupam espaços intermináveis sendo seus passos seguidos e suas vidas expostas. É válido para que a população seja informada de que a Justiça está cumprindo seu papel, mas com certeza acontecem fatos que demonstram o amor e a esperança entre seres humanos, mas estes, se mostrados, são rápidos, sem maiores explicações ou continuidade do caso.

Várias vezes já ouvi falar que as tragédias e os grandes escândalos são os assuntos que mais vendem jornais, bem como dão mais Ibope no rádio e na televisão, porque a população gosta e sente prazer em saber.

Isto é comprovado porque se encontramos um amigo, mesmo na rua, e paramos para conversar, logo vem a pergunta: “Tu sabias que...?” e pode estar certo de que se trata de uma desgraça lida ou ouvida, de uma fofoca maldosa

sobre alguém conhecido que está na pior financeiramente ou de algo ruim relacionado com a família.

Às vezes até se fala alguma coisa boa sobre alguém, mas geralmente logo vem a malícia. Se for o caso de uma pessoa se encontrar em melhor situação financeira surgem dúvidas sobre a origem digna do dinheiro, bem como de como foi conseguido o crescimento da empresa ou a promoção no emprego.

O ser humano, acostumado a ser alimentado de desgraças, tem dificuldades em ver a vitória de seu semelhante pelo trabalho honesto e pela sua competência, seguindo os objetivos traçados com muita luta e determinação, mas também com correção e dignidade.

Não se espera que aconteça totalmente o contrário do que estamos vendo, lendo e ouvindo. Precisamos ficar informados do que está ocorrendo no mundo afinal não podemos ser sonhadores e alienados pensando que tudo está bem, mas também não podemos ser pessimistas e acreditar que só existem desgraças.

Há uma disputa entre os seres humanos para vencerem sempre ou serem melhor em qualquer coisa que vão fazer. E existe a disputa saudável que não permite que nos acomodemos na vida; esta é a disputa pela vitória sobre as dificuldades.

Por que os crimes e assaltos são cada vez com mais requintes de crueldades? Porque a mídia publica com grande destaque os crimes cometidos e o executor tem espaço de exposição visual e ganha prestígio no mundo marginal. Sempre haverá outra quadrilha apostando que fará melhor ou com mais audácia e ocupará mais espaço do que o outro. É uma competição pelo mal.

Somos abastecidos com essas notícias e começamos a nos sentir inseguros e com raiva de quem deveria nos proteger e não nos protegem que são nossos governantes. Então liberamos a energia da raiva. Isto pode ser sentido quando estamos em um grupo e alguém comenta algo de ruim que leu ou ouviu em algum lugar. Logo, outro comenta sobre o assunto e cita outro caso e, em pouco tempo, começa-se a sentir como se estivéssemos vivendo todos aqueles fatos e nosso corpo reage liberando uma vibração de raiva ou desalento. Quando nos separamos do grupo e cada um segue seu dia levamos impregnados em nosso cérebro todas aquelas informações maléficas e, tensos, espalhamos essa energia pesada desprendida através dos pensamentos. Não entendemos, depois, quando chegamos em casa, porque nosso dia foi tão ruim e nos sentimos tão cansados e deprimidos.

Nossos pensamentos são ondas que vão aonde encontram seus iguais e retornam para nós trazendo todos da mesma frequência que encontraram pelo caminho, sobrecarregando, assim, nossos sentimentos e afetando nosso físico.

Sendo sabedores disso, por que não começarmos a mesclar as informações divulgadas? Dividirmos os espaços com boas e más notícias, assim como é o mundo. Aos poucos vamos nos acostumando, alguns de nós é claro, a querer ouvir e comentar coisas gratificantes. Será uma pequena fonte de energia calma, mas ela também faz o mesmo itinerário que a densa e voltará para nós triplicada nos dando reforço físico e mental e uma grande paz. Voltaremos para casa tranquilos e nosso físico leve.

A diferença será sentida pelas pessoas que nos rodeiam e a curiosidade os levará a pensar e a nos perguntar o porquê de estarmos tão calmos com o mundo no estado em que está – segundo a visão deles. Não adianta quereremos fazer um discurso e tentarmos convencê-los a ver o mundo através dos nossos olhos, mas sempre aproveitaremos para falar sobre algo construtivo, não deixando de ouvir suas histórias, apenas não entrando na sintonia delas.

Acreditem que aos poucos vai se formando no ar que respiramos uma sensação de leveza e quanto mais pessoas acreditarem que somos o que pensamos, nosso mundo ficará melhor e gastaremos nossas energias positivas com o nosso próximo que precisa de nossa atenção. Passaremos a ver nosso próximo como nosso companheiro de viagem e não como nosso inimigo.

A nossa viagem terrena se tornará mais alegre e mais proveitosa e nosso aprendizado mais fácil porque trocaremos experiências entre nós no sentido do crescimento, sem medo de que nosso próximo se torne melhor. O que não dividimos morre conosco. É como uma semente boa que guardamos ao invés de plantarmos. Ela secará, contudo, se a jogarmos em solo fértil, germinará e dará uma bela árvore com bons frutos cujas novas sementes se multiplicarão e seguirão novo caminho, se repetida a operação.



USANDO O QUE
APRENDEMOS

Havia acabado de reformar minha casa, sonho que acalentei por muito tempo até que consegui realizar. Durante as obras, tive que sair de casa para facilitar os trabalhos e também pela impossibilidade de habitá-la pela poeira e caos que toda reforma ocasiona. Durante este período fui morar com minha mãe.

Escolhi uma ótima arquiteta para projetar as alterações que pretendia fazer para que minha casa ficasse como eu desejava. Depois me preocupei em entregar a realização das obras a um construtor honesto e responsável, já conhecido meu.

Tudo pronto para começar os trabalhos, me deu medo: iria mexer no meu pequeno mundo, espaço delimitado e fechado, e transformá-lo. Entregaria a transformação em mãos de outras pessoas, embora a equipe fosse comandada por um construtor de minha inteira confiança.

Desde o início sentia como se estivessem mexendo também no meu interior. Olhava todo aquele pessoal dentro do meu pátio, cada um fazendo sua função, como por exemplo: quebrando o reboco, trocando janelas, portas e o telhado, caminhões trazendo material e retirando entulhos e em pouco tempo ela ficou desfigurada não parecendo mais minha casa.

Como toda obra, teve seus contratempos, mas felizmente ela chegou ao fim no tempo combinado e com o resultado superando o esperado por mim. É lógico que

eu estava cansada com toda aquela confusão e podem ter certeza que muitas vezes parava e pensava porque tinha começado tudo aquilo. Não queria lembrar que a casa estava necessitando de reparos e que seria impossível reformar sem mexer na estrutura.

Aproximadamente um mês após ter retornado para a casa, já pronta, surgiu uma alergia no meu corpo, principalmente nos braços e ainda um tosse irritante. Busquei ajuda médica e vários exames foram realizados sem, contudo, encontrar o motivo das alergias, tanto a física como a respiratória. Fiz tratamento com pomadas nos braços e medicação ingerida. Não observávamos nenhum resultado de melhora, e a medicação me fez engordar cinco quilos.

O tempo passava e eu não sentia melhora e eu já estava me sentindo impotente e muito irritada afetando, inclusive, meu sono. Após dez meses de luta, comecei a pensar nos últimos acontecimentos de minha vida: tinha mexido no meu “ninho”, ampliando, portanto, meu espaço e eu estava com medo de ocupá-lo. Somatizei em debilidade para não pensar e meu físico respondeu transformando a pele dos meus braços, que são nossas asas, numa couraça e eu comecei a respirar como se meu interior fosse menor, devido ao tamanho da transformação da minha casa. Era como se a casa ficasse grande e eu diminuísse de tamanho, estava com medo de abrir os braços e respirar profundamente.

Foi um longo aprendizado. Levou quase um ano para eu começar a identificar o que estava ocorrendo e que dependia mais de mim do que dos próprios médicos minha melhora. Tive ajuda de profissionais maravilhosos, tanto na medicina tradicional como alternativa. Busquei me fortalecer interior e espiritualmente.

Felizmente, assim como as alergias surgiram, foram desaparecendo aos poucos. O que as curaram? O conjunto de tudo e a identificação do problema.

Após me ver livre do que me incomodava, parei em frente a minha casa e, pela primeira vez, a vi como ela era e descobri que ficara linda e senti que merecia ocupá-la com tudo de bom que ela possuía. Eu a havia sonhado e eu a ocuparia com muita alegria.

Aos poucos as coisas foram se encaixando e, como disse meu amigo, Prof. Uliano, nós só aprendemos nas dificuldades. Busquei ajuda em tudo que o universo nos oferece de bom e que eu tinha conhecimento. O caminho é lento e é gostoso sentir cada sensação ressurgindo. Não sentia gosto nem cheiro por um bom período e como é grandioso poder senti-los novamente. Neste período também tive um pequeno acidente caseiro lesionando uma vértebra da costela. Fiquei semi-imobilizada por vinte dias e dependia dos outros para quase tudo e como moro sozinha e me considerava autossuficiente, aprendi a pedir ajuda e a receber carinho. Por tudo junto hoje eu digo, aprendemos pelas dificuldades e o universo é a escola com seus professores espalhados por todos os lugares, cada um com seu conhecimento e prontos para estender as mãos para ajudar e colo para nos acolher, é só ter humildade e saber pedir.



34 anos de Alcance

Prêmio Jabuti

 (51) 98535 3970

 Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540

 (51) 98537 0000  (51) 99103.3566  (51) 98233 7038  (51) 99669 0908

 rossyr@editoraalcance.com.br  www.editoraalcance.com.br  /EditAlcance